

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE – UNIARP**  
**CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

**MARIA IZABEL COSTA SILVA**

**OS REFLEXOS DO SISTEMA CAPITALISTA NO COTIDIANO DO SUICIDA SOB A  
ÓTICA DA PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL**

**CAÇADOR**

**2019**

**MARIA IZABEL COSTA SILVA**

**OS REFLEXOS DO SISTEMA CAPITALISTA NO COTIDIANO DO SUICIDA SOB A  
ÓTICA DA PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de bacharel em serviço social, do Curso de Serviço Social, da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP.

Orientadora: Professora Dra. Fatima Noely da Silva

**CAÇADOR  
2019**

**2019**

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**(Organizada bibliotecária da instituição)**

## **TERMO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE (a critério do Curso)**

Declaro, para todos os fins de direito, que assumo total responsabilidade pelo aporte ideológico conferido ao presente trabalho, isentando a Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, a coordenação do Curso de Serviço Social, a Banca Examinadora e o Orientador de toda e qualquer responsabilidade acerca do mesmo.

Caçador, / /

Acadêmico: Maria Izabel Costa Silva

---

Assinatura

**MARIA IZABEL COSTA SILVA**

**OS REFLEXOS DO SISTEMA CAPITALISTA NO COTIDIANO DO SUICIDA SOB A  
ÓTICA DA PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova com nota \_\_\_\_\_ este Trabalho de Conclusão de Curso** apresentado no Curso de Serviço Social da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP, como requisito final para obtenção do título de: Bacharel em Serviço Social.

---

Professora Dra. Fátima Noely da Silva  
Coordenador do Curso de Serviço Social

---

Professora Dra. Fátima Noely da Silva  
(Presidente da Banca/ Orientador)

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

Caçador, SC, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo apoio e pela força durante esse processo. Cada um foi essencial à concretização deste sonho.

Aos professores do curso, pelos ensinamentos, conhecimento e momentos únicos, que fizeram com que eu percebesse, desde o início, que estava no lugar certo e que a profissão havia me escolhido.

Aos meus colegas de turma, que se tornaram uma família durante esse percurso.

À Dra. Paula Brustolin Xavier, pelo apoio e pelo auxílio para a realização desta pesquisa.

Aos profissionais de diversas áreas e aos assistentes sociais com os quais tive a oportunidade de conviver e de aprender, graças ao curso, que possibilitou isso em minha vida.

E, principalmente, a Deus, por estar me iluminando e me abençoando em todos os momentos, mostrando o quanto devo ser agradecida por tudo que tenho e por tudo que vivi até agora.

Sou muito grata a cada um de vocês! Muito obrigada!

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social tem como objetivo abordar os reflexos do sistema capitalista no cotidiano do suicida, expondo a maneira como esse sistema econômico influencia a vida das pessoas a ponto de elas pensarem em tirar a própria vida. O trabalho do assistente social junto a esses indivíduos é de extrema importância, pois é esse profissional que trabalha junto às diversas expressões da questão social, sendo, uma delas, a tentativa de suicídio e o próprio suicídio. Essas tentativas não ocorrem apenas em uma classe social, porém, por vários aspectos cotidianos, as classes vulneráveis acabam sendo as mais atingidas. É necessário haver maiores intervenções, mais trabalhos, pesquisas e grande atenção voltada a esse problema que atinge cada vez mais pessoas e, especialmente, vidas.

**Palavras-chaves:** sistema capitalista, questão social, tentativa de suicídio, suicídio, assistente social.

## **ABSTRACT**

This monograph concluding the course of social work aims to address the reflections of the capitalist system in the daily life of suicide, exposing the way that this economic system influences people's lives to the point of thinking about taking their own life. The work of the social worker with these individuals is extremely important, because it is this professional who works with the various expressions of the social issue, one of them being the suicide attempt and the suicide itself. These attempts not only occur in one social class, but for various everyday aspects, vulnerable classes end up being the hardest hit. There needs to be more intervention, more work, more research and more attention to this problem that is affecting more and more people and especially lives.

**Keywords:** capitalist system, social issue, suicide attempt, suicide, social worker.



## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Faixa etária das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena ..... 62
- Gráfico 2:** Sexo das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena .....64
- Gráfico 3:** Situação escolar das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena ....66
- Gráfico 4:** Raça das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena .....67
- Gráfico 5:** Situação no mercado de trabalho das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena .....68
- Gráfico 6:** Zona de residência das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena .....70
- Gráfico 7:** Local de exposição das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena.....71

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 MODOS DE PRODUÇÃO E SUAS CARACTERÍSTICAS</b> .....	<b>13</b>
1.1 MODO DE PRODUÇÃO PRIMITIVO .....	13
1.2 MODO DE PRODUÇÃO ESCRAVISTA.....	15
1.3 MODO DE PRODUÇÃO FEUDAL.....	16
1.4 MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA.....	19
<b>1.4.1 Capitalismo Comercial/Mercantil</b> .....	<b>22</b>
<b>1.4.2 Capitalismo Industrial</b> .....	<b>23</b>
<b>1.4.3 Capitalismo Financeiro / Monopolista</b> .....	<b>25</b>
1.5 SISTEMA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEO NO BRASIL .....	27
<b>2 A REALIDADE DO USUÁRIO DENTRO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA</b> .....	<b>29</b>
2.1 DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DO SUICÍDIO .....	34
2.2 DOENÇAS RELACIONADAS À TENTATIVA DE SUICÍDIO E AO SUICÍDIO.....	38
<b>2.2.1 Depressão</b> .....	<b>38</b>
<b>2.2.2 Esquizofrenia</b> .....	<b>40</b>
<b>2.2.3 Transtorno Afetivo Bipolar</b> .....	<b>41</b>
<b>2.2.4 Transtorno relacionado ao uso de álcool e de substâncias</b> .....	<b>41</b>
<b>2.2.5 Transtorno de Personalidade</b> .....	<b>43</b>
2.3 NOMENCLATURAS DO COMPORTAMENTO SUICIDA .....	44
<b>2.3.1 Ideação Suicida</b> .....	<b>44</b>
<b>2.3.2 Tentativa de Suicídio</b> .....	<b>45</b>
<b>2.3.3 Suicídio</b> .....	<b>46</b>
<b>3 HISTORICIDADE DA PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL JUNTO AO USUÁRIO</b> .....	<b>48</b>
3.1 A PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL .....	49
3.2 OBJETO DA PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL .....	55
3.3 PROJETO ÉTICO POLÍTICO .....	58
3.4 DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA PROFISSÃO .....	60
3.5 PERFIL DO USUÁRIO DA PESQUISA REALIZADA .....	61
<b>3.5.1 Resultados</b> .....	<b>62</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>74</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso ressaltar os reflexos do sistema capitalista no cotidiano do suicida sob a ótica da profissão de serviço social.

O suicídio é um dos sérios problemas enfrentados pela saúde pública brasileira, sendo que o número de ocorrências aumentou nos últimos anos. Também está ligado ao sistema capitalista, que ocasiona o desemprego, a desigualdade social, a pobreza, a violência, entre outros. A situação socioeconômica, no Brasil, é totalmente desproporcional, pois a minoria detém a riqueza nacional, enquanto a maioria sobrevive com o mínimo, sendo essa classe desfavorecida a mais atingida.

Tendo em vista esse contexto, o pensamento suicida engloba muitos aspectos e o profissional de serviço social deve estar preparado para atuar junto a essa demanda, pois o suicídio é algo presente na sociedade atual. Vale lembrar que essa expressão da questão social deve ser discutida pelos diversos profissionais, pois tal ato ocorre desde a antiguidade e está se agravando cada vez mais.

A partir dessa explanação inicial, é interessante esclarecer que o primeiro capítulo abordará os modos de produção e suas características, mostrando a relação estabelecida entre os homens desde o primitivismo até os dias atuais com o capitalismo. No decorrer do texto, explanaremos pontos importantes sobre cada um deles, permitindo uma análise entre a diferença e a semelhança desses modos de produção, enfatizando este capítulo com o enfoque a respeito do capitalismo contemporâneo no Brasil, mostrando o quanto a desigualdade atual afeta a vida das pessoas, especialmente do público alvo deste estudo.

Inicialmente, no segundo capítulo, buscaremos traçar uma recapitulação do capitalismo com enfoque na realidade do usuário da pesquisa, elucidando sobre o suicídio tanto há anos quanto hodiernamente e algumas doenças decorrentes desse contexto no qual o indivíduo está inserido.

O suicídio abrange vários transtornos mentais, entre eles a depressão, que atinge cada vez mais pessoas; também, a esquizofrenia, o transtorno afetivo bipolar, o transtorno relacionado ao uso de álcool e de substâncias e o transtorno de personalidade. A maioria, se não todas as pessoas que buscam no suicídio uma saída, apresenta algum tipo de transtorno.

Além do suicídio, abordaremos outras terminologias em relação ao comportamento suicida, que são a ideação e a tentativa de suicídio, frequentes nos dias atuais.

No terceiro capítulo, apresentaremos a historicidade da profissão de serviço social e a atuação do profissional junto ao usuário, descrevendo, resumidamente, o caminho percorrido pela profissão até se tornar reconhecida, momento em que o assistente social deixa de tratar o usuário como o culpado e passa a estudar o contexto geral para chegar até a raiz do problema sem haver prejulgamentos despido de qualquer preconceito. O capítulo finaliza com dados referentes à pesquisa realizada, descrevendo o perfil dos usuários de estudo representado através de gráficos.

A presente monografia busca mostrar a forma como o sistema capitalista se insere à realidade do suicídio, que ocorre por diversos motivos, explicações e em todas as classes sociais, tendo ligação às consequências do modo de produção atual, como, por exemplo, a desigualdade social, que afeta a vida de muitas pessoas. Porém, não é apenas esse sistema econômico que contribui para a ocorrência da tentativa de suicídio e até mesmo do suicídio, contudo, indubitavelmente, causa muitos impactos no cotidiano dos indivíduos que se sentem desorientados e sem uma resposta para os problemas, fazendo com que considerem a autocídio uma maneira de fugir das dificuldades encontradas.

O tema suicídio vem afetando o município de Caçador com maior intensidade, especialmente, a partir de junho de 2018, período de início de dados dessa pesquisa, que findou sua coleta em junho de 2019. A realidade da saúde mental a qual trata das situações de tentativas e de consumações de suicídio é um dos campos de atuação do assistente social, pois tal profissional busca a resolução dos problemas, a garantia dos direitos e a busca de um novo caminho onde haja inclusão, com novos propósitos de vida.

Para a realização desta monografia de pesquisa, utilizamo-nos do Sistema de Informação e Agravos de Notificação –SINAN, referentes ao município de Caçador, SC, que apresenta a ficha de notificação de intoxicação exógena. Esse documento demonstra as tentativas de suicídio por exposição a substâncias químicas (agrotóxicos, medicamentos, produtos de uso doméstico, cosméticos e higiene pessoal, produtos químicos de uso industrial, drogas, plantas e alimentos e bebidas).

Essa pesquisa objetivou traçar um perfil epidemiológico de pessoas notificadas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação –SINAN, entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019, como Tentativa de Suicídio através das notificações de intoxicação exógena.

No SINAN, analisamos alguns dados quantitativos como a faixa etária desses indivíduos, sexo, escolaridade, situação no mercado de trabalho, entre outras informações importantes, buscando traçar um perfil desse suicida e de suas relações com o capitalismo.

Dessa forma, esperamos que este trabalho contribua para se realizarem novos estudos relacionados ao tema abordado, promovendo evoluções em torno da questão do suicídio com o intuito de que haja um olhar mais apurado sobre essa realidade preocupante na qual nos encontramos, sem que a sociedade feche os olhos diante deste assunto tão importante.

## 1 MODOS DE PRODUÇÃO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Neste capítulo, explanaremos sobre as características dos principais modos de produção existentes, sendo eles: primitivo, escravista, feudal e capitalista.

Modo de produção pode ser compreendido como a maneira pela qual a sociedade produz seus bens e seus serviços. Esse tipo de produção é determinado pelas relações formadas pelos membros da sociedade ou pela forma de relação existente entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores.

De modo de produção abstraímos duas categorias essenciais: as relações de produção e as forças produtivas. [...] No processo de produção, os homens estabelecem entre si relações objetivas independentes de sua vontade, o que não implica que não adquiram alguma forma de consciência delas tais são as relações de produção ou relações econômicas, que constituem a base das relações dos homens na generalidade dos seus aspectos sociais, que os associem comunitariamente ou os dividem em classes. [...] os homens e os elementos materiais, com e sobre os quais atuam, constituem as forças produtivas (GORENDER apud MAZZEO, 1997, p.64).

A maneira de produzir bens e serviços de uma sociedade é constituída por suas forças produtivas e pelas relações de produção existentes. As forças produtivas são os meios utilizados no processo de produção e de transformação dos materiais pelo trabalhador, utilizando os meios de produção disponíveis. Os meios de produção são as ferramentas, a matéria-prima, os instrumentos, etc. usados no processo de produção, utilizando a força de trabalho.

As características de cada modo de produção podem ser determinadas de acordo com as relações de produção dominantes. Iniciamos a explanação com o modo de produção primitivo.

### 1.1 MODO DE PRODUÇÃO PRIMITIVO

A Pré história definiu-se como o período de aparecimento do homem (entre a faixa de 3 milhões de anos a.C) e a criação da escrita (entre a faixa de 4 mil anos a.C), acompanhando a evolução humana. Ela foi dividida em três

períodos, sendo eles: paleolítico (idade da pedra lascada) neolítico (idade da pedra polida) e idade dos metais.

O período paleolítico é definido como o mais longo, no qual o povo sobrevivia através da caça, da pesca e da coleta de frutos. Foi nesse momento que se iniciou a criação de alguns instrumentos como faca, lanças, machados e outras ferramentas. Uma ação importante dessa época foi o domínio do fogo, fazendo com que se utilizasse tal recurso para cozinhar, aquecer e se proteger de animais ameaçadores.

De acordo com algumas literaturas, o povo não tinha conhecimento sobre a questão de parentesco biológico e os homens viam a mulher como um ser mágico pelo fato de elas poderem gerar vidas dentro de si mesmas, havendo o respeito e a proteção entre ambos.

O período neolítico ficou, também, conhecido como a idade da pedra polida, pois se passou a dominar a técnica de polir a pedra para a criação de instrumentos. Além disso, passou-se à prática da agricultura, que foi denominada como Revolução Verde, pois esse domínio mudou completamente a rotina humana, havendo a produção do próprio alimento.

Essa questão fez com que o povo se tornasse sedentário, pois, ao invés de se movimentar e mudar de localidade, fixava-se à terra, onde plantava e ficava aguardando o momento da coleta do alimento, deixando de ser nômade. Houve a divisão de tarefas, enquanto o homem saía para caçar e pescar, a mulher se dedicava ao cuidado dos filhos, à plantação e à colheita.

Na idade do metal, considerada como a última fase da pré-história, substituiu-se a pedra pelo metal, havendo um avanço na produção de artefatos. Os instrumentos e os objetos construídos facilitaram ainda mais a produção de alimentos e, por serem mais desenvolvidas, tornaram-se mais eficazes no trabalho realizado por eles. No final desse período, as cidades começaram a surgir, aparecendo as primeiras povoações, iniciando a troca de um produto por outro, ou seja, o chamado escambo. Porém, com a evolução da sociedade, o escambo não se tornou mais eficiente, sendo necessária a criação de outro modo de negociação.

Nesse momento, criou-se a moeda, que facilitou a negociação entre as pessoas, pois, na troca de uma mercadoria pela outra, alguns produtos passaram a ser mais procurados que outros. Assim, foi surgindo a necessidade de uma nova forma de negociação, sendo elaborada através do metal, isto é, as moedas.

As relações sociais foram se abalando, pois, através da moeda, algumas pessoas passaram a dominar as outras, tornando-se possível a exploração do homem pelo homem, ficando clara a divisão de classes existente, começando a surgir a figura do Estado como um meio de organização social e de dominação.

## 1.2 MODO DE PRODUÇÃO ESCRAVISTA

Pode-se dizer que o modo de produção escravista foi o primeiro a desenvolver a questão da propriedade privada e evidenciar a exploração de uma classe sobre a outra. De um lado, havia os escravos; do outro, os donos desses escravos, sendo que esses primeiros se tornaram propriedade de quem detinha riquezas, labutando para os seus “donos”.

Por, aproximadamente, dois séculos esses escravos trabalharam com o plantio de cana-de-açúcar, com maior destaque na região nordeste do país, sendo que o Brasil foi uma nação absolutamente escravista. O trabalho era pesado, havendo jornadas exaustivas de trabalho, além de os escravos serem tratados com violência. Os negros dormiam nas chamadas senzalas e eram vigiados para fugirem. Eram tratados como animais, tendo uma alimentação insuficiente e desumana.

Tudo o que era produzido por eles pertencia ao seu senhor e, por esse motivo, os escravos não se preocupavam com o aumento da produção do seu trabalho, pois não recebiam nada em troca da função que exerciam. Em decorrência disso, não houve investimento na organização da produção e os donos das terras investiam na compra de escravos, pois quanto mais escravos a pessoa tinha, mais riqueza aparentava ter.

É quase impossível estimar o número de escravos entrados no país. Isto não só por causa da ausência de estatísticas merecedoras de crédito, mas, principalmente, consequência da lamentável Circular n.



29, de 13 de maio de 1891, assinada pelo ministro das Finanças, Rui Barbosa, a qual ordenou a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos e escravidão geral. As estimativas são, por isso, de credibilidade duvidosa. (NASCIMENTO, 2017, p. 58).

No Brasil, como em outros países, a escravidão foi uma realidade muito cruel, sendo que, até hoje, as suas implicações ainda são sentidas mesmo após 131 anos da criação da Lei Áurea, que eliminou essa prática no país. Pode-se dizer que o sofrimento vivenciado pelos negros, ainda, na atualidade, é reflexo desse cenário antigo, no qual os negros não possuíam direitos, algo que mudou hodiernamente, porém muitas pessoas continuam com aquele pensamento tradicional do passado.

“Após a Abolição da Escravatura em 1888 e a Proclamação da República no ano seguinte, é notório vermos a maior estruturação desses movimentos, objetivando melhores condições de vida à população negra” (DOMINGUES, apud CARMO, 2018). O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão. A luta pela abolição da escravidão foi grande, estruturada e duradoura, porém, com essa liberdade, muitos escravos ficaram sem moradia, sem assistência, desempregados, enfim, sem rumo, fazendo com que passassem por dificuldades. Muitos deles não arrumavam emprego e sofriam discriminação, sendo que essa realidade pode ser vista até hoje, pois, mesmo com as leis que garantem direitos às pessoas negras, o preconceito ainda é existente e praticado.

A abolição da escravatura foi uma grande conquista. Internacionalmente, escolheu-se a data de 25 de março para marcar o Dia Internacional em Memória às Vítimas da Escravidão e do Tráfico Transatlântico de Escravos. Porém, em pleno século XXI, ainda, é possível se deparar com o trabalho escravo encoberto, no qual os indivíduos continuam sofrendo com os vestígios do passado escravocrata, mesmo após tantas lutas.

### 1.3 MODO DE PRODUÇÃO FEUDAL

Com a crise do escravismo, houve a transição do modo de produção escravista para o feudal. O Estado analisou que os seus rendimentos estavam

decrecendo, pois as pessoas que possuíam poder, riqueza, escapavam dos impostos e a classe baixa, ou melhor, “escravos” não tinha condições de pagar. O Estado fornecia pão e diversão ao povo que não tinha propriedade e nem emprego pela questão da concorrência e das dificuldades da época, sendo que essa ação buscava esconder o problema social existente. Dessa forma, o sistema escravista entrou em crise, sendo substituído pelo modo de produção feudal.

Influente na Europa Ocidental medieval, o modo de produção feudal tinha como contraste a relação entre senhores e servos, estando relacionado a um determinado modo de vida, que abrange o próprio “feudalismo” enquanto um subsistema socioeconômico específico.

No sistema feudal, os servos trabalhavam para os proprietários das terras, estando os primeiros presos a essas terras onde moravam e labutavam. Os senhores feudais, como eram chamados os donos das terras, tinham poder sobre os servos, eram os burgueses da época. Tais servos não eram considerados escravos, pois não poderiam ser vendidos, porém estavam presos a essas terras de onde não poderiam sair. Desde o sistema feudal, já é possível observar a diferença em relação à questão financeira, pois a exploração de um ser humano sobre o outro já existia

[...] a terra ficava dividida em duas partes: a reserva senhorial e os lotes camponeses. Estes lotes eram entregues a indivíduos em troca de uma parcela do que eles aí produzissem e da obrigação de trabalharem na reserva senhorial sem qualquer tipo de remuneração. Tudo que era produzido na reserva cabia ao proprietário (JUNIOR, 1988, p.11).

Essa questão para os servos era vista como uma melhoria de vida, pois teriam uma ocupação, um local para morar, dormir, alimentação e vestimentas. Nesse sistema, os grandes senhores recebiam terras do rei e esses entregavam-nas aos cavaleiros, que possuíam menos poder, sendo que, em troca desses terrenos, deveriam lutar a favor dos grandes senhores. Aqueles que davam as terras eram chamados de suseranos (que tinham domínio sobre os feudos) e aqueles que recebiam eram denominados vassalos. O rei via isso como uma forma de aumentar o seu controle em todos os escalões da sociedade, porém

os vassallos passavam a proteger mais os interesses dos suseranos, ao invés dos interesses do próprio rei.

A sociedade feudal era marcada por grande desigualdade, sendo dividida em três ordens: o clero, a nobreza e os camponeses. O clero era composto por membros da igreja católica, que tinham grande influência com os poderosos da época, como os reis. O clero exercia um certo assistencialismo com os pobres, distribuindo alimentos e cuidando dos doentes, porém era apenas em certas ocasiões como guerra ou plantio ruim. A nobreza tinha como membros os donos dos feudos, aqueles que detinham o poder, como os reis, os príncipes, os duques, etc. Por fim, os camponeses formavam a população em geral, aqueles que trabalhavam nas terras e estavam nas mãos dos proprietários dos feudos.

Em relação às atividades comerciais desse modo de produção, a agricultura era a principal fonte de economia, sendo realizada a troca de mercadorias entre os diferentes feudos, o chamado escambo. Sobre a política, o rei era quem tinha o poder de voz.

Dentro dessas características, os servos vendiam a sua mão de obra em troca de um local para morar, sujeitando-se às obrigações ordenadas pelos senhores feudais, sendo produzido apenas o necessário ao consumo do grupo. Porém, houve alguns acontecimentos que contribuíram para a decadência do modo de produção feudal.

A fome passou a se instaurar com a desorganização da produção dos alimentos. Milhões de pessoas morreram por causa da peste bubônica (peste negra), sendo que as condições de vida desses indivíduos favoreceram a proliferação da epidemia. À época, não detinham conhecimento sobre a forma de contágio, desconhecendo a doença, e aqueles que eram mais religiosos acreditavam ser peste um castigo divino.

Com a centralização do poder monárquico, os senhores feudais começaram a perder o controle sobre os feudos, desenvolvendo-se através desses monarcas o comércio e a cidade. Com a criação do trabalho assalariado, o modo de vida não era mais baseado na agricultura e na terra, mas no comércio e no capital, destacando-se uma nova classe social, os burgueses.

#### 1.4 MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Com o fim do feudalismo, em decorrência do surgimento de novas tecnologias, desenvolvimento e urbanização, a matéria-prima passou a ser produzida na cidade, influenciando as pessoas a migrarem em busca de emprego, pois a terra servia apenas aos senhores feudais, e nesse momento, a realidade estava mudando. Assim, começaram-se a definir as classes sociais, e quem detinha o poder eram denominados burgueses. Aqueles que antes cuidavam e trabalhavam nas terras em troca de alimentos e moradia, no novo sistema econômico que estava se iniciando, trabalhavam para receber um salário. As classes definidas através desse sistema foram a burguesia/capitalista e os proletários/operários, sendo visível essa divisão existente.

A ação da burguesia comercial contribuiu para a desestruturação do modo de produção feudal, sendo que, na cidade, encontravam-se os comerciantes e a riqueza por eles acumulada. Com o progresso da burguesia comercial, muitas cidades alcançaram a sua autonomia e se tornaram o destino dos servos que fugiam dos feudos, induzidos pela burguesia. Com a formação da classe social — a burguesia — a produção queria ir além de satisfazer as necessidades humanas, buscando o lucro e a acumulação a partir do comércio.

O escambo, que era a troca de uma mercadoria por outra, fazia com que os indivíduos obtivessem mercadorias que não produziam. Com o surgimento da moeda, ao invés de ser utilizada a troca, as mercadorias eram adquiridas com essas moedas, sendo que os comerciantes passaram a comprar essas mercadorias por um valor e revender por outro maior que o inicial.

Pode-se elucidar, dessa forma, a origem do capitalismo no seio da sociedade feudal, modo de produção esse, que surge na cidade, no núcleo da economia urbana, onde se constituem novas ordens.

O capitalismo é sistema econômico, no qual os meios de produção pertencem a quem detém a riqueza, no caso, os burgueses/donos dos meios de produção. Esse sistema é excludente e beneficia apenas aqueles providos de boa condição econômica, sendo que os proletariados recebem um salário para

sobreviver, sem auferir de nenhuma porcentagem dos lucros da empresa, mesmo sendo eles os que efetivamente produzem.

No sistema capitalista, portanto, a força de trabalho humana é uma mercadoria. E como todas as coisas tornam-se mercadorias ao serem trocados por produtos de igual valor, a força de trabalho torna-se também mercadoria ao ser trocada por dinheiro (CATANI, 1988, p.29).

Nesse modo de produção, o assalariado vende sua mão de obra para manter a sua sobrevivência, e o dono dos meios de produção compra essa força de trabalho a fim de enriquecer, utilizando-se de mais-valia, que nada mais é do que o excedente produzido pelo operário. Dessa forma, na produção de um dia de trabalho, o operário já tira o seu salário, e o restante da produção vira lucro na mão do capitalista.

A partir da Revolução Industrial, o capitalismo se consolidou com uma série de inovações técnicas, e a produção que antes era feita em casas ou em oficinas artesanais passa a ser produzida nas fábricas. A força de trabalho passa a ser substituída pelas máquinas, acarretando o desemprego e, conseqüentemente, o agravamento das expressões da Questão Social, pois os trabalhadores, que estavam tendo o seu trabalho no campo substituído pelas máquinas, passam a migrar para a cidade em busca de emprego no chão de fábrica.

[...] A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia (...) (IAMAMOTO, 2005. p. 77).

Esse êxodo rural ocasiona o inchaço das periferias, pois, de certa forma, as cidades não estavam preparadas para receber grande quantidade de migrantes, haja vista os empregos não se tornarem suficientes, ocasionando o desemprego e fazendo com que as pessoas passem a residir em habitações precárias (favelas, cortiços, etc).

Com o desemprego crescente, as indústrias não ofereciam trabalho para todos, fazendo com que muitas pessoas continuassem desempregadas, gerando o exército de reserva, ou seja, havia mais mão de obra do que trabalho,

fazendo com que os donos dos meios de produção mantivessem o salário a um nível baixo.

Também, havia muita mão de obra infantil e feminina, com absurdas horas de jornadas de trabalho, sem férias e sem repouso semanal. As pessoas eram alienadas, e por serem desprovidas de qualquer informação, não se sentiam exploradas, sendo que, em alguns registros referentes à primeira metade do século XIX na Inglaterra, aborda-se que a jornada de trabalho chegava até 16 horas diárias.

(...) A pressão salarial força a entrada no mercado de trabalho das mulheres e das crianças de ambos os sexos em idade extremamente prematura, o que funciona também como mecanismo de reforço ao rebaixamento salarial. (...) A jornada de trabalho – apesar de diferir por ramos industriais – é, no início do século, de 14 horas. (...) Não terá direito a férias, descanso semanal remunerado, licença para tratamento de saúde ou qualquer espécie de seguro regulado por lei. Dentro da fábrica estará sujeito à autoridade absoluta – muitas vezes paternalista – de patrões e mestres. Não possuirá também garantia empregatícia ou contrato coletivo. (IAMAMOTO; CARVALHO, 2005. pg. 128 e 129).

Nesse contexto, o proletariado passa a reconhecer a sua classe, que é vítima da exclusão do capital e da exploração daqueles que detêm o poder e que visam, através do trabalho exaustivo do proletariado, ao seu crescimento econômico, fazendo com que os trabalhadores comecem a reivindicar por melhores condições de trabalho, organizando movimentos sociais e sindicais, como o ludismo.

O ludismo foi um movimento operário organizado na Inglaterra, onde os operários se manifestavam contra mecanização das fábricas, pois, na visão deles, eram as máquinas que estavam ocasionando o aumento do desemprego (substituindo a mão de obra humana), a pobreza e a desigualdade social. Por isso os trabalhadores as quebravam, pois consideravam que eram elas que os prejudicavam.

Com o decorrer das décadas, o capitalismo apresentou novas feições, fez com que a sociedade passasse por crescentes transformações e que os operários passassem a articular novas maneiras de lutar pelos seus direitos, surgindo, dessa forma, uma nova organização de trabalhadores, que se consolidou apenas no século XIX.

Dentro dessa gênese, o capitalismo dividiu-se em três fases: Capitalismo Comercial, Industrial e Financeiro, que serão abordados a seguir.

#### **1.4.1 Capitalismo Comercial / Mercantil**

Essa foi a primeira fase do capitalismo, iniciando-se no final do século XV após a crise do feudalismo. Essa fase se destacou com a expansão marítima e com o desenvolvimento de colônias europeias em muitas partes do mundo.

Os avanços iniciados entre os séculos XV e XVIII contribuíram para a formação da burguesia com o desenvolvimento da vida urbana, aumento da produtividade agrícola e artesanal e a intensificação do comércio. No século XV, o comércio já era a principal atividade econômica da Europa. Os comerciantes, que tinham grandes condições financeiras, acumularam ainda mais dinheiro por meio do comércio com a África e a Ásia, através do Mar Mediterrâneo.

Nessa fase, o capital se tornou a principal fonte de riqueza, substituindo a terra, que no sistema feudal tinha destaque para os detentores de poder, sendo que o capital era adquirido com o aumento do comércio e da exploração de ouro e de prata. Nesse momento, surgiu a moeda como valor de troca, dando espaço ao mercantilismo, que é uma prática econômica fundamentada na ideia de riqueza e de desenvolvimento.

A produção aumentou com a expansão do comércio, fazendo com que os artesãos com capital comprassem as oficinas daqueles com menos condições econômicas. Através desse contexto, as pessoas passaram a trabalhar para os proprietários dos comércios, fazendo com que o número de empregados assalariados aumentasse, sendo que esses trabalhadores traziam lucro para os donos dos comércios, pois tudo que pudesse ser vendido, tornava-se mercadoria.

Nesse período, deu-se a expansão marítima e as grandes navegações. Através do comércio, houve o acúmulo de riquezas, que ficou denominado como capitalismo comercial, sendo que, nessa época, a economia tinha a intervenção do governo, e essa riqueza era medida através do número de ouro, de prata e de pedras preciosas em posse de um determinado país. Os comerciantes eram

financiados pela nobreza e utilizavam a exploração dos trabalhadores como meio do seu enriquecimento próprio e acúmulo de capital.

Dentro desse contexto, podemos analisar as características desse sistema que busca o lucro e a exploração da mão de obra dos trabalhadores assalariados, que substituiu o sistema de trocas anteriormente vigente, ficando evidente aqui a desigualdade social.

#### **1.4.2 Capitalismo Industrial**

Essa fase iniciou-se na metade do século XVIII, apresentando mudanças políticas e tecnológicas que superaram o capitalismo comercial. Equipamentos, como máquina a vapor e o tear mecânico, passaram a ser utilizados com o intuito de aumentar a produção e de diminuir o número de trabalhadores, trazendo lucro à burguesia e o aumento da população pobre. A Revolução Industrial iniciou-se na Inglaterra, fortalecendo as raízes do capitalismo.

A Inglaterra deixa por primeiro a economia agrária e artesanal para entrar na era industrial, a Alemanha e a França vêm logo em seguida e depois outros países. A sociedade passa para uma sociedade de duas classes (o capital e o trabalho), o poder passa das mãos dos proprietários de terras para as mãos dos proprietários dos meios de produção industrial (BONIN, 2010, p.08).

Pode-se citar como principais características da transformação industrial na Inglaterra, no século XVIII, o comércio marítimo, a acumulação de recursos, as fortes atividades bancárias, a utilização da mecanização na produção com a origem das primeiras máquinas, a substituição do trabalho manual pelas máquinas, sendo o carvão muito utilizado na mecanização, a disponibilização da mão obra, o aumento da produção e o desenvolvimento do comércio.

A era industrial fez com que os trabalhadores saíssem do campo e fossem para a cidade em busca de emprego, sendo essa ação denominada êxodo rural. As pessoas que conseguiam emprego nas fábricas eram exploradas, viviam em situação insalubre, sem direito algum e recebendo um salário muito baixo. Essas pessoas acabavam aceitando essa condição, pois, se dispensassem o trabalho, ficariam desempregados.



O capitalismo industrial fez com houvesse uma nova divisão de classes, assim ficando: os trabalhadores (proletário) e o dono dos meios de produção (burguês). A máquina substituiu a mão de obra humana e ocasionou o aumento do desemprego. Dessa forma, apesar de revolução industrial ter aumentado a produção de mercadorias e o lucro dos burgueses, também fez com que a exploração do trabalho se elevasse juntamente com a desigualdade social, tornando-se uma intensa ferramenta de submissão do trabalhador às condições impostas pelos possuidores dos meios de produção, impulsionando o ritmo da acumulação.

A primeira revolução industrial (1750-1850), desenvolvida na Inglaterra, caracterizou-se pelo desenvolvimento das indústrias, implantação das máquinas, substituição da manufatura pela maquinofatura, comércio internacional e aumento do consumo. O principal combustível utilizado para movimentar as máquinas era o carvão, sendo que o metal utilizado para construir essas máquinas era o ferro e a principal indústria era a têxtil.

A segunda revolução industrial (1850-1900) foi marcada pelo desenvolvimento tecnológico e científico, na qual as máquinas se espalharam para outros países, sendo utilizados como combustível o petróleo e a eletricidade. Houve a expansão das indústrias, chegando ao continente Europeu, onde as máquinas passaram a ser produzidas através do aço, surgindo a locomotiva, especificamente o trem de ferro.

Na terceira revolução industrial (1960), ocorrida após a 2ª Guerra Mundial, são trazidas tecnologias em massa, que se expandem por diversos países do mundo, tendo como motor dessa tecnologia presente vários recursos, podendo citar, como exemplos, as fontes renováveis e limpas com custos mais baixos, demonstrando a preocupação das pessoas em relação ao meio ambiente. A questão do transporte e da comunicação elevou imensamente, facilitando e aumentando a circulação de mercadorias e de produtos, tendo como base a globalização, que integrou vários países e facilitou o processo de aproximação das nações mundiais.

A revolução industrial tornou os métodos de produção mais eficientes, sendo produzidas mais mercadorias em menos tempo, ficando o preço dos produtos mais acessível, estimulando o consumo da população e, conseqüentemente, aumentou da poluição ambiental. Na atualidade, vivemos na terceira fase industrial, porém alguns estudiosos apontam que a quarta era industrial, que também denominam de fábrica inteligente, está próxima, na qual será implantada a robotização totalmente evoluída, a inteligência artificial, o sistema de armazenamento de energia, as nanotecnologias, etc.

### **1.4.3 Capitalismo Financeiro / Monopolista**

O capitalismo financeiro ou monopolista emergiu no final do século XIX caracterizado pelo crescimento econômico e controlado pelo poder dos bancos comerciais e de outras instituições financeiras, com grandes investimentos nos setores das indústrias. Essa fase ficou marcada com uma ampla prática do monopólio, que, nada mais é, que a maneira pela qual uma empresa detém o mercado e fixa os valores dos produtos ao preço que quiser, pois não há concorrência, mas a combinação de um valor padrão. Uma forma evoluída de monopólio são os chamados oligopólios, que se referem a um conjunto de empresas as quais dominam parte do comércio com determinados produtos específicos. A diferença entre os dois é que, no monopólio, apenas uma empresa domina a produção de determinado produto, enquanto, no oligopólio, são grupos de empresas.

O monopólio existe quando há um vendedor no mercado para um bem ou serviço que não tem nenhum substituto e quando há barreiras na entrada de empresas que tentem vender o mesmo bem ou um bem substituto. Estas barreiras protegem o vendedor da concorrência (MIRANDA, 2011, p.01)

No capitalismo monopolista, a livre-concorrência é superada, pois as empresas não possuem condições de consolidar uma taxa de lucro durante o seu processo produtivo, precisam pagar pelo lucro das empresas, não conseguem alcançar o lucro suficiente para atualizar as inovações tecnológicas e não conseguem superar as fases de depressão.

O capitalismo monopolista é decorrente de uma ação de ampliação da indústria, tendo a concentração da produção de produtos em empresas que se tornam, cada vez, maiores e atingem grande nível de desenvolvimento. É nessa fase que a atuação do Estado se expande e assume uma forma mais complexa, voltada às exigências do capital. A intervenção do Estado na economia se torna indispensável na maneira de suavizar a estagnação e sua intervenção na questão social, assumindo uma função que compreende os julgamentos perante os conflitos gerados nas relações de trabalho.

De acordo com Netto (1992), na idade do monopólio, o capital, para efetivar-se com êxito, necessitou de mecanismos de intervenção extra econômicos, sendo o Estado a instância responsável por essa intervenção, na qual as funções políticas do Estado sobrepõem-se organicamente com as suas funções econômicas.

A partir da efetivação das possibilidades econômicas, sociais e políticas que apareceram na fase monopolista, a questão social começa a ser atendida através de políticas sociais. Assim, o Estado burguês busca administrar as implicações da questão social por meio de políticas sociais, atendendo, dessa forma, às demandas da ordem monopolista.

No capitalismo monopolista, a política social do Estado burguês tem a sua finalidade expressa nos procedimentos voltados ao controle da força de trabalho e a relação entre capital e o trabalho em meio ao exército de reserva, que se remete à mão de obra restante no mercado através dos sistemas de seguro social. Com a urbanização da sociedade e o desenvolvimento veloz do ritmo econômico e social, surge a necessidade de serviços governamentais, sendo o Estado o ator principal dos serviços propostos.

Segundo Netto (2001), o capitalismo monopolista recoloca, em patamar mais alto, o sistema totalizante de contradições que confere à ordem burguesa os seus traços basilares de exploração, alienação e transitoriedade histórica. O desenvolvimento dos monopólios contribui com o aumento da exploração dos trabalhadores, interferindo na realidade da população e provocando a resistência da classe operária a essa submissão.

Para que essa fase resistisse à possibilidade de queda da taxa de lucro, necessitou-se estabelecer novas táticas a fim de atender as suas necessidades de reprodução expandida do capital, pois, com a grande oferta de mercadorias possibilitada pela Revolução Industrial e o movimento dos trabalhadores, as empresas poderiam perder o seu poder.

## 1.5 SISTEMA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEO NO BRASIL

O modo de produção capitalista é responsável pela desigualdade social, econômica e política. A desigualdade, no Brasil, é totalmente desproporcional pois a minoria detém a riqueza nacional, enquanto a maioria sobrevive com o mínimo. Nesse sistema, dividem-se as classes entre os que possuem capital e aqueles que são desprovidos deste.

De modo geral, quando falamos em desigualdade social, queremos abordar a questão do grau de injustiça existente em relação a um grupo sobre o outro. Por exemplo, o acesso às instituições públicas que atendem a muitas pessoas, acaba gerando uma grande demanda, pois há poucos profissionais contratados para abranger tamanha procura. Assim, quem possui condições financeiras consegue pagar o atendimento particular, enquanto os outros precisam esperar o tempo que for necessário para serem chamados caso não consigam pagar por um atendimento mais rápido.

É triste ver a desigualdade presente na nossa frente e não poder fazer nada. Há pessoas desempregadas, endividadas, perdendo os bens que possuem para pagarem o que devem; doentes que não conseguem tratamento pelo alto custo; crianças fora da escola, que não veem motivos para continuar estudando, sem sonhos de ter um futuro melhor. A sociedade está desacreditada de que possa haver mudanças, está desunida. Tal questão, podemos observar até mesmo no contexto político do Brasil, no qual as pessoas defendem partidos políticos ao invés de defenderem os seus direitos, lutarem por um país melhor, pois toda essa discussão em torno de qual partido político é melhor para o Brasil faz com que as pessoas paralisem e não busquem melhoria diante da realidade tão devastada.

A sociedade está se acomodando em alguns aspectos e a falta de cobrança sobre aqueles que possuem o poder de exercer o que a população manda, faz com que as coisas se acomodem ao contrário de ocorrerem progressos. A saúde é um exemplo forte disso, pois vemos capitais sendo investidos em ações desnecessárias ao invés serem utilizados no campo de que a população tanto necessita, pois a saúde é algo essencial à vida do indivíduo, que, sem saúde, não consegue viver bem.

A elite possui privilégios diante disso, por esse motivo não se preocupa, pois possui renda suficiente para suprir as necessidades de acesso ao setor particular, sem necessidade de se engajar na luta por melhores condições de vida e de acesso ao setor público.

Ao falar sobre o sistema capitalista, queremos mostrar os impactos causados por esse modo de produção que afeta a vida das pessoas e contribui com a ocorrência de tentativas de suicídio. Essas tentativas podem ocorrer em todas as classes sociais e não apenas pelos indivíduos que possuem menos condições financeiras. Ninguém está livre de sofrer abalos emocionais com acontecimentos da vida cotidiana, que possam gerar transtornos mentais, como a depressão, que atinge milhões de pessoas pelo mundo.

Porém, esse modo de produção atinge mais diretamente a classe subalterna, que, por falta de recursos suficientes, não consegue, muitas vezes, ter acesso a uma vida digna, tendo uma realidade totalmente diferente e cheia de problemas que a afeta de tal modo que o suicídio acaba sendo o caminho mais próximo e fácil que encontra.

São necessárias grandes ações, trabalhos e conscientização voltados à população em geral referente a esse tema, mostrando que a vida é uma das maiores riquezas que recebemos e que devemos lutar por ela, pois não fomos colocados no mundo por acaso e temos em nossas mãos uma grande preciosidade que deve ser preservada.

O segundo capítulo desta monografia tratará exatamente sobre o contexto do suicídio, para que possamos nos aprofundar melhor diante deste tema tão importante e preocupante na sociedade atual.

## **2 A REALIDADE DO USUÁRIO DENTRO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA**

Ao falar do suicídio, devemos destacar o modo de produção capitalista, que é um sistema que contribui fortemente para a questão da tentativa de suicídio, que, na atualidade, está aumentando de forma absurda.

A depressão, que é um distúrbio mental, atinge cada vez mais pessoas pelo mundo. Tanto os indivíduos empregados quanto os desempregados são atingidos pelo capitalismo dilacerante, pois, independentemente de classe social, os sujeitos podem desenvolver, no decorrer da vida, algum transtorno mental. A depressão e outros transtornos que atingem os trabalhadores são, muitas vezes, decorrentes de um processo de exploração, no qual eles são submetidos a funções exaustivas, que fazem com que descuidem da própria saúde, a fim de atender aos interesses das corporações. E quando o proletário não atende, corre o risco, até mesmo, de ser demitido, o que hoje se chama de rotatividade profissional, interferindo, ainda mais, no psicológico dessas pessoas.

Não é por acaso que a depressão e suas consequências, como o suicídio, tenham se transformado em um dos principais transtornos do século 21, chegando a afetar os jovens trabalhadores, que se veem desanimados em ter uma vida digna, já que as condições de trabalho em que se inserem estão cada vez mais exigentes e exaustivas, pois o tempo se torna curto para tudo.

Essa situação não pode ser explanada sem citar o modo de produção capitalista que a cada dia é mais brutal, uma vez que as empresas buscam apenas o aumento dos seus lucros, precarizando e empobrecendo, cada vez, mais a classe trabalhadora.

O sistema de produção (capitalismo) num momento específico do seu desenvolvimento (globalização) e numa parte específica do sistema (periferia) revela um quadro de impossibilidade de promover a cidadania e a democracia apoiadas na sociedade civil, devido a situação de pobreza e desigualdade que sufoca os movimentos sociais e violenta os direitos humanos (ESTENSSORO, 2003, p.217).

O suicídio, que pode ser citado como uma das diversas expressões da questão social, surge como uma solução no caminho do indivíduo que é afetado

por preocupantes consequências das desigualdades sociais, porquanto o mesmo fica sem saída diante de tanta pressão, abalo emocional e julgamento de pessoas que não sabem como o outro está se sentindo, sendo esse sistema socioeconômico, totalmente massacrante.

O suicídio está presente em todas as camadas da sociedade e o capitalismo pode ser citado como um dos agravantes dessa questão. Esse modo de produção econômico aumentou, enormemente, a desigualdade social, ocasionando a pobreza, a fome, o desemprego, que são alguns fatores que contribuem para o ato do suicídio.

A tentativa de suicídio e o próprio suicídio em si não escolhem sexo, religião, idade, condição econômica, etc, não estando localizado em um único lugar, mas está presente no mundo todo. A cada 4 segundos, uma pessoa tira a própria vida em algum lugar do mundo<sup>1</sup>, sendo uma questão extremamente importante que deve ser aprofundada cada vez mais.

O acesso dessas pessoas a profissionais especializados na área se torna mais demorado do que deveria, porquanto a demanda é grande e o número de profissionais é pequeno, fazendo com que essas pessoas fiquem descobertas pela saúde pública, que é um direito, mas não oferece a disponibilidade de profissionais nos momentos necessários. Sem o atendimento preciso, essa questão não é trabalhada com o indivíduo e sua família, deixando-os desamparados.

Essas pessoas são encaminhadas para a saúde mental, porém não há equipamentos suficientes para atender a toda demanda, tanto a geral quanto a de indivíduos com comportamento suicida. Além disso, as unidades básicas de saúde e de pronto atendimento não estão preparadas para trabalhar com esse fluxo de pessoas, pois a saúde apresenta alta demanda com o mínimo de profissionais disponíveis para o atendimento da população.

Esse fluxo pode ser explicado pela questão da distribuição de renda que é totalmente desigual, visto que 1% da população concentra a riqueza mundial.

---

<sup>1</sup> Organização Mundial da Saúde (OMS).

Segundo dados da Oxfam (2018), de toda a riqueza gerada no mundo em 2017, 82% foi parar nas mãos do 1% mais rico do planeta. Enquanto isso, a metade mais pobre da população global – 3,7 bilhões de pessoas – não ficou com nada. Por isso, a maioria das pessoas necessita do SUS, pois não possui condições de pagar várias sessões com um psicólogo, por exemplo.

Através do capitalismo, a desigualdade socioeconômica atingiu esse nível alarmante, porquanto a maioria das pessoas que possuem emprego vive apenas com um salário mínimo com o qual sustenta uma família inteira, enquanto outros indivíduos recebem grandes salários e, ainda, reclamam de que o valor não lhes satisfaz. Nessa sociedade, temos dois lados da realidade totalmente diferentes um do outro: algumas pessoas conseguem fazer apenas uma refeição ao dia e outras possuem uma fartura enorme à mesa com vários alimentos que nem tocam a fim de comer. Uns moram em casas luxuosas, outros não possuem nem um teto para dormir. Alguns moram em bairros nobres das grandes capitais, outros em favelas, onde tudo se torna mais precário, como a saúde, a educação e a infraestrutura, tornando esse grupo, que é a maioria, excluídos do restante da sociedade.

Esse modelo capitalista estimula o consumismo, no qual é necessário que o indivíduo tenha um celular moderno, vestimentas da moda, que seja magro, dentro do padrão imposto pela sociedade, para ser aceito e encaixar-se em um padrão definido por aqueles que possuem dinheiro, buscando, através disso, a felicidade. Porém, essa busca pela perfeição atrai apenas tristeza na vida dessas pessoas, pois não se aceitam da forma como são, não gostam da sua aparência e ficam se comparando às blogueiras/famosas das redes sociais, que, atrás da tela do celular, aparentam ser as mais perfeitas do universo.

Essa busca pela perfeição, que não existe, contribui para a autoestima da pessoa ser a mais baixa possível, tornando-se um dos grandes fatores que contribuem para o comportamento suicida. Essas pessoas buscam a aceitação, a inclusão no mundo perfeito, visto por trás das câmeras, onde homossexuais, negros e obesos são julgados, desencadeando algumas doenças como a depressão.



Nas redes sociais, buscam o reconhecimento, a atenção de pessoas influentes e de amizades virtuais, pois, nesse meio, acabam encontrando outras com as quais se identificam, pois, iguais a ela, buscam a fama e uma fisionomia que alcance a mais alta beleza. Os indivíduos buscam a comparação com os outros e passam a se perguntar por que não possuem a mesma vida que tais pessoas, das quais são seguidores, têm, sem, ao menos, saber como é a realidade, fazendo com que fiquem com a sua estrutura totalmente abalada.

Tudo isso surgiu com o capitalismo, no qual a classe mais vulnerável é excluída de tudo e, por mais que o suicídio não tenha classe social definida, a população pobre é altamente atingida, tanto nessa busca pelo padrão perfeito, como pela questão do desemprego e do preconceito, incluindo a homossexualidade, racismo e outras questões importantes.

Falas e visões preconceituosas, julgamentos, ameaças e agressões dos mais diversos tipos, infelizmente, são atitudes comuns de serem vistas tanto externamente como dentro das próprias casas. Quando a pessoa apresenta o pensamento suicida e tenta tirar a própria vida, muitas vezes, ao invés de receber ajuda dos familiares, amigos e conhecidos, é apontada com críticas e falas de quem não entende o que está passando. Frases como “só quer chamar a atenção” é muito ouvida, até mesmo de profissionais, fazendo com que esse comportamento das pessoas afaste o suicida ainda mais da sociedade.

Na era da tecnologia, as relações passam a ser totalmente virtuais, haja vista que as pessoas conversam por mensagem ao invés de se encontrarem pessoalmente, pois o tempo se tornou cada vez mais curto e as pessoas precisam trabalhar, buscar formas de receber alguma renda para sobreviver nesse sistema, em que tudo gira em torno do dinheiro. Hoje, o que mais procuram é resoluções imediatas, contatos rápidos e eficazes, distanciando-se cada vez mais, umas das outras, gastando a maior parte do seu tempo em funções que lhes rendam algum valor monetário. A vida, em centros urbanos, torna-se, cada vez mais, estressante, pois o deslocamento de casa até o trabalho leva horas, fazendo com que as pessoas não se alimentem da maneira que deveriam e não deem atenção àqueles que mais amam, tudo em decorrência

desse sistema capitalista, que está distanciando um ser humano do outro e deixando os indivíduos mais vazios por dentro, pois o que passa a interessar são apenas bens materiais.

Essas condições se tornam um peso ao indivíduo, que passa a ter uma rotina como fosse um robô, sem sentimentos e que apenas exerce as funções de forma automática, ocasionando sofrimento, alteração de humor e infelicidade por não atingir o patamar tão sonhado, tornando a vida imperfeita na sua visão. Esse fracasso em não atingir a realidade esperada traz frustração, nervosismo, ansiedade e fatores que desencadeiam a ideação suicida.

“O suicídio é reflexo, como bem aprofundou Durkheim, de uma determinada sociedade, apontando o quanto há de agressividade destrutiva em seu tecido e o quanto falta de solidariedade e de vínculo afetivo entre os indivíduos” (MARCOLAN, 2018).

Abraços e outras formas de carinho não são tão evidenciadas hoje, e essa atitude faz falta às pessoas. Imagine aquele jovem que não vê mais sentido na vida, não sabe que escolhas deve tomar, recebendo um abraço, ouvindo palavras de apoio dos seus familiares e pessoas próximas, como “nós estamos com você”, como faria a diferença nessa realidade com altos índices de suicídio. Para as pessoas, a possibilidade de sentarem juntas, conversarem, falarem como foi o dia não é mais possível, pois acabam dizendo que não possuem tempo para fazer isso, porém quando estão mexendo no celular, por exemplo, nem veem o tempo passar, tornando-se mais próximas dos próprios aparelhos tecnológicos do que da própria família.

A sociedade está tão acostumada a viver nessa rotina que não consegue mais perceber quando a outra pessoa não está bem, compreender que apenas um sorriso, um abraço e alguns minutos de conversa poderiam mudar o dia de alguém. Essa era informatizada, corrida, com tempo curto para tudo e todos faz com que nos distanciemos de nós mesmos, que nos importemos mais com o trabalho do que com a própria saúde, pois precisamos de renda para nos mantermos nesse sistema econômico capitalista excludente e desigual.

Busca-se a mudança do padrão vida a fim de que a desigualdade socioeconômica seja amenizada, oportunizando uma vida mais digna para população. Sempre haverá aqueles que possuem mais poder que o outro, um patamar de vida mais elevado, pois essa desigualdade pode apenas ser amenizada, mas não exterminada dentro do sistema capitalista.

Dados da Organização Mundial de Saúde- OMS dão conta de que, em âmbito mundial, o suicídio está em segundo lugar na causa da morte de jovens entre 18 a 29 anos. No Brasil o suicídio coloca o país na 8ª posição dentre os países com maior número, atrás de Índia, China, Estados Unidos, Rússia, Japão, Coreia do Sul e Paquistão. Em 2013, conforme dados da OMS, contabilizou 11.821 suicídios (9.198 do sexo masculino e 2.623 do sexo feminino). O fenômeno na região sul está acima da média nacional afirmando o suicídio como uma questão de saúde pública.

Podemos observar o quanto esse fenômeno é complexo e como é importante estudá-lo, buscar investimentos, atenção dos políticos e da própria sociedade diante desse assunto para que possamos procurar alternativas que contribuam para o atendimento dessas pessoas com comportamento suicida. Essa realidade depende muito do sistema atual, que apresenta a diminuição de investimentos no setor público, sendo que as pessoas necessitam desse acesso, pois é um dos caminhos encontrados para obter ajuda profissional.

## 2.1 DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DO SUICÍDIO

A palavra suicídio vem da expressão latina “sui caedere”, que significa “matar-se” (FERREIRA, 2008), sendo conhecida desde o século XVII, podendo ser definida como o ato intencional de causar a própria morte através de um propósito, uma saída para aquele indivíduo que está sofrendo por algum motivo. Ninguém está livre de ter uma pessoa próxima que apresente esse pensamento de tirar a própria vida, porquanto, hoje, com tantos problemas, dificuldades, estresse, entre outros fatores, essa escolha acaba sendo o caminho mais fácil que o indivíduo encontra.

Historicamente, o suicídio na Europa cristã vincula-se às atrocidades praticadas pelo Estado e pelas religiões, que além de punirem o suicida

pós-morte, pregando o impedimento da ascensão ao paraíso, transformavam a vida dos seus familiares em um rosário de vergonha e desespero, na medida em que passavam ao poder dos reis. Desse modo, tanto os reis como a Igreja usufruíram do suicídio (BROWN, 2002, apud VENCO e BARRETO).

Por trás do ato suicida, há todo um histórico percorrido até chegar à concepção dos dias atuais. O suicídio já foi considerado um ato heroico e também já foi utilizado como condenação por alguns grupos. Em alguns versículos bíblicos do antigo testamento, podemos analisar a questão do suicídio como uma ação heroica de coragem.

No antigo testamento, podemos citar seis passagens nas quais faz-se referências a atos suicidas. A primeira foi na morte de Abimelec (Juízes 9: 50-57), que para não ter a morte cometida por uma mulher, pediu que o escudeiro o matasse com a espada. Saul (Samuel 31: 1-6) também utilizou uma espada e ele mesmo tirou a própria vida, pois seu escudeiro não aceitou o pedido de atingi-lo com a espada e após a morte de Saul, o próprio escudeiro tirou a própria vida com a espada. Aquitofel (2 Samuel 17: 23) se enforcou e Zenri (Reis 16:18) pôs fogo no palácio e morreu queimado.

Nas passagens Bíblicas, o suicídio não era visto de maneira condenatória, porém, no século VI, a igreja passou a considerar o suicídio como um pecado mortal.

De acordo com a cultura judaica, era proibido que se professasse orações fúnebres para qualquer pessoa que cometesse o suicídio e o enterro era realizado em um setor isolado do cemitério. Na lei islâmica, o suicídio é considerado um crime mais grave que o homicídio (ARAUJO; BICALHO, 2012, p. 725).

A crença cristã colocava que a vida dos indivíduos pertence a Deus e cabe a ele tirá-la, sendo o suicídio considerado uma ação contra Deus. Na Grécia, o suicídio era visto com outros olhos, e para realizar tal ato a pessoa deveria pedir autorização para as autoridades. Em vários países, a ação suicida era vista de diferentes formas.

[...] na França, o corpo de quem tirava a própria vida era arrastado pelas ruas e depois pendurado em forcas. Além disso, a lei francesa do século XVII exigia que se jogasse o corpo do suicida no esgoto ou na lixeira da cidade. Na Alemanha, os corpos eram postos em barris, que deslizavam para o rio, de forma que não conseguissem voltar à

sua cidade natal. Na Noruega, os cadáveres dos suicidas deveriam ser enterrados junto aos demais criminosos na floresta ou jogados na maré. No século XVII, houve mudanças nos padrões relativos ao ato suicida na Inglaterra e nos Estados Unidos: um em cada dez vereditos de suicídio foi classificado *non compos mentis*, ou seja, como decorrente de insanidade. Por volta de 1800, todos os casos de suicídio eram vistos da mesma forma: como ato insano. Porém, apesar de considerado como insanidade nos dois países, até 1961 na Inglaterra e no País de Gales o suicídio era considerado crime, e na Irlanda, até 1993 (Id. Ibid, p. 725-726).

A manifestação dos diversos países, com diferentes religiões e culturas, modifica a visão voltada ao suicídio. Na antiga civilização dos vikings, eles acreditavam que o suicídio era uma das qualificações para entrar no paraíso. Em algumas sociedades nômades remotas, o suicídio de pessoas idosas era um ato de honra, pois o indivíduo preferia cometê-lo do que ser cuidado pelas pessoas do mesmo grupo que ele, pois sentia que lhes estaria dando trabalho.

Em relação ao pensamento dos filósofos sobre o suicídio, Platão considerava que poderia ser cometido apenas por aqueles que possuíam alguma doença crônica, incurável que trouxesse tristeza para a pessoa e sua família, sendo essa uma possibilidade de a pessoa acabar com a sua dor e sofrimento segundo o contexto abordado. "Platão defendia a ideia de que a morte era a passagem da alma para outra "vida"; talvez um sono sem sonhos, uma transição catártica ou libertação" (GUERREIRO, 2008).

Sócrates apresenta um pensamento que repudia o suicídio, porém fez a morte parecer um acontecimento desejável; e Aristóteles considerava o suicídio como uma ofensa ao Estado. Cada filósofo apresentava a sua ideologia em relação ao suicídio, sendo que, com o passar do tempo, o tema começou a ser estudado com mais profundidade e destacado de forma mais clara às pessoas.

Teólogos importantes como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, também, explanaram a visão diante do tema suicídio. Santo Agostinho declarou que a vida é um presente de Deus e acabar com ela é o mesmo que contrariá-lo, tornando-se um pecado abominável a morte cometida pela própria pessoa. Santo Agostinho considerava o suicídio o pior dos pecados, haja vista não deixar chance de arrependimento.

Várias religiões expressam diversificadas opiniões em relação ao ato de tirar a própria vida. Na crença cristã, o suicídio é totalmente condenado pela bíblia, porém, encontramos algumas passagens que relatam atos suicidas na época, como alguns casos expostos anteriormente neste capítulo. No judaísmo, podemos encontrar em seu quinto mandamento a proibição de matar, porém não menciona especificamente a questão de tirar a própria vida. O talmud, que são os livros sagrados dos judeus, apresenta algumas exceções, nas quais o suicídio não é condenado quando a morte é cometida em decorrência de doença mental.

No protestantismo, Lutero apresenta a ideologia de que as pessoas se matavam por causa do demônio; na religião evangélica quase não é manifestada essa questão, embora reprovem o suicídio. No islamismo, o alcorão condena o suicídio e o hinduísmo se manifesta contrário a esse ato, porém prega que as escolhas de uma vida influenciam na outra que virá, não devendo ser interrompida pelo suicídio. Através dessa abordagem, percebemos que, por mais que as religiões apresentem pensamentos diferentes, quando o assunto é suicídio, a maioria se manifesta contrária à ação de tirar a própria vida.

No século XVII, o entendimento sobre o suicídio sofreu algumas mudanças, sendo concebido como dilema humano e aparecendo em textos ingleses, que o descreviam como ato de matar a si próprio. Dentro do ponto de vista sociológico, Durkheim (2014), ao estudar o suicídio, trata o acontecimento como fato social, coletivo e não como fato individual e psicológico. Para o autor, o suicídio é a morte que deriva de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima, a qual tem conhecimento da produção do resultado morte<sup>2</sup>. Para ele, historicamente, a sociedade tem uma tendência natural definida para o suicídio, considerando o levantamento entre o número geral de mortes e o índice da população, levando em conta o total de cem mil ou um milhão de habitantes.

Marx (2006) vê o suicídio como um dos sintomas da luta social, e, para ele, é natural a sociedade gerar muitos suicídios. Ele menciona que as pessoas religiosas que planejam cometer suicídio procuram vislumbrar um mundo

---

<sup>2</sup> DURKHEIM, Emile. **O Suicídio**: estudo de sociologia. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Edipro, 2014.

melhor; e as descrentes, já por não confiarem em coisa nenhuma, esperam a tranquilidade do nada.

Vemos que houve diversas visões distintas em relação ao tema, diferenciando e comparando uma ideologia à outra. A historicidade do conceito suicídio é importante para observarmos as mudanças realizadas até chegar à definição atual, que contribuiu para que as pessoas tivessem um pouco mais de conhecimento sobre o tema aqui tratado. Abaixo, abordaremos a ligação do suicídio com o capitalismo encontrado na sociedade atual.

## 2.2 DOENÇAS RELACIONADAS À TENTATIVA DE SUICÍDIO E AO SUICÍDIO

O suicídio está presente tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, atingindo várias pessoas, independente da vida econômica e do status social. A maioria, se não todas as pessoas que buscam no suicídio uma saída, apresentam algum tipo de transtorno, como depressão, esquizofrenia, transtorno bipolar, de personalidade ou relacionado ao uso de álcool e de outras substâncias, sendo extremamente comum encontrar alguém que apresente algum desses transtornos.

### 2.2.1 Depressão

A depressão é um transtorno de humor grave, um distúrbio mental que atinge pessoas de todas as idades, e o número de indivíduos depressivos está aumentando cada vez mais, sendo tratada como a doença da sociedade moderna. A tecnologia e o sistema socioeconômico atual contribuiu para o aumento dessa desordem, que faz com que a pessoa se isole do mundo, queira ficar sozinha, sem ter contato com os outros e apresentando grande tristeza, sem motivação em buscar outros caminhos para a sua vida.

A depressão, além de gerar sentimento de tristeza e falta de vontade na realização de atividades do dia a dia, ocasiona problemas emocionais e físicos, fazendo com que o indivíduo se isole de todos e de tudo. Esse transtorno é uma das doenças que mais distancia as pessoas do mercado de trabalho, envolvendo a mente humana e causando fraqueza, medo, sofrimento, baixa autoestima,

dificuldade de raciocínio, variações de humor e de equilíbrio, entre outros, e, se não tratada corretamente, pode persistir por um longo tempo, trazendo sério dano à vida do paciente.

Ao abordar sobre a depressão, é necessário inicialmente compreender que a depressão não é uma doença do século XXI. Apesar de que foi somente no século XIX que formou-se [sic] a depressão comum. Anteriormente a depressão era denominada de melancolia, ou seja, “Perturbações há muito chamadas de melancolia são agora definidas como depressão” (GONÇALES; MACHADO, 2007, p. 298).

A palavra melancolia vem do grego Melan (Negro) e Cholis (Bílis), significando bílis negra. O termo depressão foi usado primeiramente em inglês para referir ao desânimo presente em 1660 e procedeu no uso comum em meados do século XIX

A partir do século XIX, o termo depressão substituiu a expressão melancolia, não sendo um transtorno tão recente como alguns pensam. Nesse mesmo século, a depressão acrescentou-se à Classificação Estatística Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados à Saúde (CID) e no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM) como uma doença mental.

É muito grande a preocupação que se tem com o diagnóstico da depressão, e, segundo Gonçalves e Machado (2007), pesquisas demonstram que, em média, 50% das pessoas que chegam à rede básica de saúde com sintomas de depressão não recebem diagnóstico e tratamento corretos.

“A depressão atinge cerca de 121 milhões de pessoas em todo globo. Estima-se que 5% a 10% da população sofrerá com a doença ao longo da vida” (LOPES apud ASSUMPÇÃO et.al, 2018).

Hoje, a depressão representa a terceira causa de doença mundial e em países desenvolvidos está em primeiro lugar. Além disso, os transtornos mentais representam-se 12% das doenças em todo mundo. Em países desenvolvidos os índices são elevados, 23%, na Europa destaca-se com um índice de 26,6%. Assim, calcula-se que a depressão estará em primeiro lugar como “doença mundial” até em 2030 (Ibid, p.320).



A depressão, ou melancolia, como era denominada, é uma doença que atinge muitas pessoas, sendo anteriormente considerada um mal da alma pela falta da Divindade. Essa patologia passa a ser associada ao suicídio.

### **2.2.2 Esquizofrenia**

A esquizofrenia é um transtorno crônico, que atinge a mente humana com alterações cognitivas e emocionais, que ocasionam modificações no comportamento e na capacidade de comunicação e de relação do indivíduo.

O termo esquizofrenia foi criado em 1908 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler. A palavra deriva do grego schizo (dividir ou clivar) e phren (mente) (SILVA, 2016). Anteriormente, esse transtorno era conhecido como demência precoce, indicado por Émil Kraepelin, psiquiatra alemão, como o aparecimento de sintomas de degradação mental em jovens que estavam iniciando a vida adulta.

De acordo com alguns autores, a esquizofrenia se manifesta no indivíduo desde a sua infância, de maneira tímida, sendo evidenciada, na maioria das vezes, no período da adolescência ou no início da vida adulta. Essa doença afeta diversas pessoas, independentemente de condições financeiras, sendo que muitas pessoas descrevem o esquizofrênico como um “louco”. Os esquizofrênicos se tornam frágeis nas ações e nas atitudes relacionadas à morte, aumentando o risco de suicídio, haja vista grande número deles já ter tentado tirar a própria vida pelo menos uma vez. Em decorrência disso, os pacientes com esquizofrenia se apresentam em grande número nos leitos dos hospitais psiquiátricos.

Ouve-se muito a denominação esquizofrênico para descrever esses pacientes, acabando por rotular o indivíduo diante da sociedade. Deve-se buscar a mudança desse termo para os eles não se considerarem pessoas problemas, mas sim, pessoas com problemas; problemas esses que necessitam de atenção e de tratamento especializado com intuito de amenizá-los.

Alguns sintomas da esquizofrenia são delírios, alucinações, problemas de raciocínio e de concentração, ausência de motivação, pensamento e

movimentos desordenados, entre outros. O que controla as crises, os sintomas e auxilia para não haver recaídas são os medicamentos. No tratamento de esquizofrenia, utilizam-se terapias medicamentosas, psicoterapia e socioterapia, que são importantes para manter o controle da doença.

### **2.2.3 Transtorno afetivo bipolar**

O Transtorno Bipolar (TB) é uma grave disfunção, envolvendo oscilações de humor, que abrange aspectos neuroquímicos, cognitivos, psicológicos, funcionais, familiares e socioeconômicos.

Esse distúrbio psiquiátrico complexo apresenta alternâncias, podendo aparecer de forma súbita, com episódios de depressão ou sem a manifestação de sintomas, podendo apresentar crises de amplitude leve, moderada ou grave, com variações de frequência e duração.

O transtorno afetivo bipolar (TAB) corresponde a um dos mais prevalentes e potencialmente graves transtornos psiquiátricos. Caracterizado por oscilações importantes do humor entre os pólos *[sic]* da exaltação (ou euforia) e depressão, apresenta curso recorrente e crônico, implicando em elevado grau de morbidade e incapacidade para seus portadores (SANCHES e JORGE, 2004, p.37).

O transtorno bipolar foi denominado, dessa forma, pelo fato de apresentar dois extremos os transtornos do humor e de depressão. Pode atingir ambos os sexos, iniciando geralmente na adolescência, sendo raro seu surgimento em crianças. O tratamento é realizado através de medicamentos, psicoterapia e transformações no estilo de vida para que se desenvolvam hábitos saudáveis, pois esse transtorno não tem cura.

Alguns fatores podem causar esse transtorno, como os de ordem biológica, ambiental e pessoal. É necessário o conhecimento sobre a doença e as implicações que podem se manifestar, buscando-se uma melhor compreensão sobre esse transtorno, que afeta tantas pessoas.

### **2.2.4 Transtorno relacionado ao uso de álcool e de substâncias**

Hoje, o acesso ao álcool e a outras substâncias é muito fácil às pessoas. Os vícios daí decorrentes podem causar sérios problemas de saúde aos

indivíduos. A companhia, os lugares que se frequenta e a consciência de muitas pessoas estão inseridos nesse contexto, pois entre os jovens encontra-se o modismo, visto que, para ser aceito em certo grupo, deve-se seguir a atitude dos outros.

O transtorno em decorrência ao uso de substâncias pode ser diagnosticado no momento em que a pessoa procura ajuda profissional, quando percebe que esse vício está prejudicando e que é necessário superá-lo para dar outro andamento à sua vida. Porém, também, há pessoas que tentam esconder o seu vício de um profissional, porém pode-se suspeitar do caso quando é possível notar alterações de comportamento e em exames físicos, quando a pessoa apresenta, por exemplo, marcas pela pele por injetar substâncias na veia.

A presença de transtornos mentais ligados ao uso de drogas tem sido estudada nacional e internacionalmente, sendo que o uso dessas substâncias, de forma abusiva, pode acarretar complicações à saúde e ao meio familiar e social dessa pessoa.

O álcool é uma substância lícita muito utilizada por um número elevado de indivíduos, porém, se o quadro virar vício, a pessoa pode mergulhar na depressão e sofrer de ansiedade.

Quanto às substâncias psicoativas, o álcool é droga lícita bastante utilizada pela população mundial, tendo por repercussão sintomas de depressão e de ansiedade. Tais substâncias intensificam a sensação de prazer no momento em que são utilizadas, satisfazendo os indivíduos apenas nesse período. Assim, passado o efeito, o desejo pelo uso dessas substâncias retorna.

Segundo Kosten (2018), é possível que as pessoas consumidoras de drogas de maneira recreativa o façam ocasionalmente em doses relativamente baixas, frequentemente sem causar prejuízo a si mesmas. Dessa forma, o usuário acaba não desenvolvendo abstinência dessas substâncias. Já os usuários que a utilizam diariamente podem iniciar o uso para buscar a fuga da realidade.

Algumas circunstâncias e transtornos coexistentes parecem aumentar o risco. Por exemplo, pessoas tristes, em sofrimento emocional ou socialmente alienadas podem achar que esses sentimentos são temporariamente aliviados por um fármaco; isso pode levar a maior uso e, às vezes, a um transtorno por uso de substâncias. Pacientes com outros transtornos psiquiátricos não relacionados têm maior risco de desenvolver um transtorno por uso de substâncias. Pacientes com dor crônica (p. ex., dor nas costas, dor decorrente de doença falciforme, dor neuropática, fibromialgia) muitas vezes precisam de narcóticos para alívio; muitos subsequentemente desenvolvem um transtorno por uso de substâncias. Entretanto, para muitos desses pacientes, fármacos não opioides e outros tratamentos podem aliviar adequadamente a dor e o sofrimento (Ibid).

Para haver a superação do quadro de saúde encontrado, é necessário que a pessoa esteja disposta a mudar a sua realidade e a aceitar o apoio da família, de amigos e das pessoas próximas nesse momento, tornando-se uma força a mais para ela.

### **2.2.5 Transtorno de personalidade**

“Os transtornos de personalidade são condições psiquiátricas complexas e possivelmente ainda pouco entendidas diante dos estudos e das possibilidades da medicina atual” (NETO et.al, 2011).

Podemos definir personalidade como sendo as características individuais do ser humano, como as emoções, os pensamentos e os comportamentos. É normal que as pessoas apresentem diferentes expressões de emoções, atitudes e comportamentos diante dos problemas encontrados, muitas vezes, não conseguindo lidar com isso, fazendo com que sofram.

Quando os traços da personalidade das pessoas são inflexíveis e mal-ajustados, causando um funcionamento significativamente comprometido ou sofrimento subjetivo, eles constituem-se como uma classe de transtorno da personalidade, caracterizados pela má adaptação social<sup>(1)</sup> e qualificando-os como problema de saúde, necessitando conhecer sua definição, prevalência, etiologia, diagnóstico e intervenção terapêutica. Esta teoria é uma considerável parcela do pensamento científico atual sobre os Transtornos de Personalidade (SOARES, 2010, p.01).

Formas de comportamento na infância, com a presença de déficit de atenção e de hiperatividade, segundo alguns autores, pode fazer com que se desenvolvam transtornos da personalidade. O transtorno Bordeline é um dos diagnósticos que mais causa sofrimento, pois a pessoa não aceita ficar sozinha,

sofre com crises, como a busca pela morte, que faz com que necessite de acompanhamento e de tratamento.

A personalidade borderline é um grave transtorno mental com um padrão característico de instabilidade na regulação do afeto, no controle de impulsos, nos relacionamentos interpessoais e na imagem de si mesmo (CARNEIRO, 2004). Esse transtorno apresenta as manifestações de vários transtornos psiquiátricos como depressão, transtorno bipolar e esquizofrenia, fazendo com que sinta várias percepções, como a raiva, a vergonha, a tristeza, a solidão, mudando rapidamente de um momento para o outro.

Geralmente os indivíduos que sofrem com transtorno de personalidade são apontados pelos outros como desequilibrados, problemáticos, diferentes, fazendo com que acabem se afastando da convivência, aproximando-se mais da loucura. É necessário que tenham apoio, seguindo o tratamento especializado para que contornem as dificuldades encontradas no caminho.

## 2.3 NOMENCLATURAS DO COMPORTAMENTO SUICIDA

O comportamento suicida é dividido em nomenclaturas: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio. Os indivíduos, quando afetados psicologicamente em decorrência de diversos aspectos ocorridos no seu cotidiano, podem apresentar pensamentos de machucar a si próprio, podem cometer uma ou mais tentativas de suicídio ou, por fim, conseguir atingir a sua vontade presente e suicidar-se, sendo essa a solução mais rápida encontrada para resolver os problemas existentes em sua vida. Cada um desses comportamentos possui uma definição diferente, tendo como início o pensamento e, por fim, a morte.

### 2.3.1 Ideação suicida

Na ideação suicida, a pessoa começa a pensar em uma ou em mais maneiras de tirar a própria vida, podendo ser algo passageiro ou mais persistente, haja vista que busca motivos para analisar se vale a pena viver ou não. Indivíduos com ideação suicida podem planejar a prática do suicídio, mas não executar, porém se não houver intervenção profissional, as tentativas podem continuar até o momento no qual consiga alcançar o intento. O pensamento em

relação ao suicídio já mostra que a pessoa se encontra fragilizada, precisando de ajuda, pois, a partir do momento em que tem esse tipo de ideia, fica evidente o quanto está afetado psicologicamente.

A ideação suicida é considerada um indicador para o risco de suicídio, pois a pessoa apresenta sinais de sofrimento emocional grave. Algumas pesquisas realizadas indicam que grande porcentagem da população já pensou em suicídio em algum momento da vida, porém não chegou a tenta-lo. Quanto mais as pessoas apresentarem esse tipo de pensamento, maior é a chance de atingirem a tentativa ou o alcançarem o próprio suicídio.

A ideação suicida é o início do caminho para se alcançar o suicídio, sendo que entre essas duas ações, encontra-se a tentativa de suicídio.

### **2.3.2 Tentativa de suicídio**

Como o nome já diz, a tentativa de suicídio é o ensaio de acabar com a própria vida. A pessoa busca meios para isso, planejando a maneira como vai executar ou cometendo-a através do impulso, sendo que essa ação pode deixar sequelas. A tentativa de suicídio é a autoagressão, uma vez que o indivíduo com o desejo de morrer busca maneiras de suicidar-se.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a expressão “tentativa de suicídio” indica qualquer comportamento suicida não fatal, referindo-se à intoxicação intencional autoinfligida, automutilação e outras lesões que podem ou não ter por objetivo ou resultado a própria morte (GONDIM et al, 2017).

As consequências dessa ação de alcançar a morte dependem de como foi preparado a maneira de cometer o suicídio. A pessoa que passa pela tentativa de suicídio necessita de acesso aos serviços de saúde, principalmente o atendimento profissional gratuito, pois a maior parte do público encontra-se entre as classes mais baixas.

Em relação ao reconhecimento e à demanda, somente em 2014, a tentativa de suicídio foi inserida na Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de Saúde Pública (ibid). É uma questão muito

importante que deve ser aprofundada e abordada em vários locais, como, por exemplo, nas escolas, local em que se encontram os adolescentes, que compõem um dos maiores números de tentativas de suicídio.

Os meios utilizados para tirar a própria vida vão desde medicamentos até o enforcamento e a utilização de arma de fogo. Os homens conseguem cometer o suicídio com mais facilidade, pois o meio utilizado para atingir tal ação é algo mais agressivo. Um dos aspectos mais presentes e mais preocupantes do comportamento suicida é a repetição de tentativas, por isso é necessário que, desde a primeira agressão pessoal, sejam realizadas intervenções eficazes com essas pessoas. Porém, muitos casos de pessoas que tentam cometer o suicídio não chegam até as instituições de saúde, e, mesmo assim, sem o encaminhamento total dessas pessoas, a demanda é enorme.

Todo esse contexto de intervenção deve ser trabalhado e estudado para que se busquem soluções mais concretas que auxiliem na diminuição desses casos e façam as pessoas buscarem outras soluções para resolverem os seus problemas sem ser a tentativa de suicídio ou o suicídio em si.

### **2.3.3 Suicídio**

O ato do suicídio é realizado com alguma intenção. É a ação final de uma pessoa que apresenta comportamento suicida, pois é nessa fase que ela concretiza o que havia idealizado ou o que havia pensado impulsivamente, chegando ao fim do ciclo da vida.

Falar de suicídio na sociedade contemporânea exige que tenhamos uma visão ampla acerca dos fatores que envolvem tal ato, pois quando um indivíduo por livre e espontânea vontade opta por tirar a própria vida, não significa que queira, de fato, dar um fim a ela. Pode ser que, ao contrário, ele vislumbre a morte como uma forma de resolver seus conflitos e, muitas vezes, acredita que terá a possibilidade de viver longe dos problemas (CASSORLA apud SANTANA et.al, 2015, p.43).

O pensamento suicida engloba muitos aspectos e o profissional de serviço social deve estar preparado para atuar com essa demanda, pois o suicídio é algo presente na sociedade atual. Essa questão deve ser discutida pelos diversos profissionais, pois esse ato ocorre desde a antiguidade e está se agravando cada vez mais.

O autocídio não afeta apenas a pessoa que o pratica, mas todos ao seu redor. O luto deve ser trabalhado com os familiares, pois essa ação gera uma desestruturação. As pessoas ficam se perguntando sobre o motivo de isso ocorrer, pois mesmo que percebam a ideação suicida do membro familiar, não estão preparadas para esse tipo de acontecimento.

O tema suicídio deve ser mais abordado pela sociedade em geral para que todos abram os olhos e busquem ajuda a partir do momento que se inicia a ideação suicida. Existe a falta de informação em relação a esse assunto, sendo que deveria ser mais compreendido pelos indivíduos. Assim, é necessário que haja mais ações de prevenção para que haja mais conhecimento sobre esse assunto tão complexo e presente nos dias atuais. Esse é o tipo de realidade na qual o assistente social se insere, buscando a resolução dos problemas, a garantia dos direitos e a busca de um novo caminho no qual haja inclusão, com um novo olhar diante da vida.



### **3 HISTORICIDADE DA PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL JUNTO AO USUÁRIO**

No capítulo anterior, destacamos pontos relevantes em relação ao capitalismo, o qual é um modo de produção que ocasionou as diversas expressões da questão social, como a pobreza, a fome, o desemprego e a alarmante desigualdade social. Essa realidade de alguma forma contribui com o pensamento do indivíduo de tirar a própria vida, de suicidar-se, pois as pessoas encontram dificuldades pelo caminho que não conseguem superar, vendo como solução a morte. Tanto as expressões da questão social como o desenvolvimento da tecnologia, das redes sociais e a busca por uma vida perfeita fazem com que a pessoa se sinta infeliz dentro da sua realidade, não sentindo mais vontade de viver e de seguir em frente dentro desse sistema, extremamente excludente e seletivo.

A atuação do assistente social na saúde mental se deu mais precisamente em 1905, momento em que os profissionais começaram a ser chamados para atuarem junto aos usuários com transtornos mentais, produzindo estudos e coletas de dados econômicos e sociais, dando origem ao Serviço Social Americano que influenciou o Brasil no século XX.

No Brasil, em meados do ano de 1940, o assistente social passou a atuar no campo da Saúde Mental, estimulado pela doutrina social da igreja católica e pelo movimento de higiene mental. O Serviço Social abre espaço à formação higienista nos currículos escolares, conteúdo esse empregado de forma complementar e subordinada, abordando, então, um estudo totalmente científico e médico (APPEL, 2017).

No início, o assistente social atuava de maneira mais assistencialista, trabalhando com a coleta de dados dos usuários que apresentavam transtorno mental, porém, quando a profissão passou a ter como objeto de atuação as expressões da questão social, essa visão foi modificada.

O usuário passou a ser visto como um sujeito de direito, que deveria ser atendido da forma que buscasse entender a raiz do problema para amenizá-lo, ao invés de resolver a situação apenas de imediato. No campo da saúde mental,

o assistente social utiliza como base para a sua atuação o Código de Ética profissional de 1993 e a Lei de Regulamentação profissional, dispondo de um olhar crítico diante da realidade encontrada, atribuindo seu papel de atuação, teórico-metodológica, ético-política e teórico-operativa no campo da Saúde Mental.

O assistente social, também, atua com a famílias desses usuários, visto que, para buscar a raiz do problema, é necessário executar um trabalho amplo, pois é na realidade do usuário que se encontra a resposta para os problemas que ele está enfrentando. O profissional deve estabelecer questionamentos e mostrar à família como essa pode contribuir para mudar a realidade encontrada e dar o apoio que o usuário necessita para se recuperar, pois é esse profissional o qual possui uma visão ampla da realidade, devendo ser despedido de qualquer preconceito, sem fazer julgamentos precipitados.

Todavia é possível encontrar profissionais que não dão a atenção necessária àquele usuário que apresenta ideação suicida, considerando que ele quer apenas chamar a atenção. Infelizmente, essa colocação é muito ouvida, pois muitos acham que o usuário não tem a coragem de chegar ao suicídio e está agindo dessa forma para ser fazer de “coitado”. O achismo é algo que o profissional não deve apresentar diante da sua atuação, ainda mais quando se trata de um assunto tão sério como o suicídio. O código de ética profissional, em seus princípios fundamentais no inciso VI, destaca que o assistente social deve apresentar: “empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças (CFESS, 1993).

Dessa forma, o profissional deve apresentar uma visão vasta diante do que for colocado pelo usuário, utilizando os documentos da profissão e as leis que guiam a sua atuação profissional.

### 3.1 A PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL

O serviço social surgiu em meio ao conflito de classes, com o agravamento das expressões da questão social, no momento em que ocorreu o

êxodo rural, ocasionando o inchaço das periferias e a exploração do trabalhador nas fábricas.

O capitalismo estabelece a divisão de classes, com a posse privada de bens dos meios de produção. Em decorrência da escassez no campo e a onda industrializante, os trabalhadores rurais migram para cidade em busca de uma colocação no “chão de fábrica”, pois as máquinas começaram a fazer o trabalho que antes eram realizados por eles, substituindo a mão de obra e causando o desemprego.

O assistente social vai atuar junto às classes sociais formadas dentro do capitalismo, que são o proletariado e o burguês. Através desse conflito entre as classes sociais, a profissão surge como uma resposta dos grupos dominantes, em especial da Igreja Católica. O assistente social passa a servir à classe burguesa como forma de manter o controle e a ordem ameaçada pelas expressões da “Questão Social”, que já estavam sendo evidenciadas pelo proletariado. O Serviço Social emerge como uma atividade diretamente ligada a doutrinas neotomistas, com práticas filantrópicas e assistencialistas, desenvolvidas por um grupo de visitadoras sociais, composta pelas damas da sociedade, ou seja, senhoras que compunham a burguesia.

Segundo ESTEVÃO (2007), essa assistência era praticada por um caráter completamente não profissional, abstendo-se de contribuições voluntárias dos que detinham a riqueza para aqueles desprovidos dela.

Em 1869, fundou-se a Sociedade de Organização da Caridade, com a intenção de reorganizar a prática da assistência social em bases científicas e racionalizar a mesma, pois os trabalhadores se demonstravam firmes na sua luta.

A partir desse contexto, começam a surgir as primeiras escolas de Serviço Social, abrindo as portas, não apenas à profissionalização, mas também à institucionalização da profissão. Teve como precursora a assistente social norte-americana Mary Elly Richmond, que apresentava uma visão pautada na capacitação e na formação mais aprofundada dos agentes sociais, através de cursos que tratassem das questões ligadas ao social.

Nesse momento, o indivíduo era visto como o problema e deveria ser ajustado à sociedade, sendo ele o objeto da profissão. A partir disso, os agentes sociais trabalhariam com a intenção de reintegrar o indivíduo à sociedade, e assim manter a organização e a harmonia da mesma.

O Curso de Aprendizagem da Ação Social é instituído, mas com a crescente demanda, é necessária uma maior organização na formação de agentes sociais, surgindo em 1899 a Primeira escola de Serviço social em Amsterdã na Holanda, que apresentava o pensamento conservador, associado à doutrina social cristã. Em 1904, criou-se, nos Estados Unidos, a Escola de Filantropia em Nova York, fundamentado em um conhecimento mais científico da Questão social, com a presença da psicologia e da psicanálise.

A partir de 1920, foi se institucionalizando o Serviço Social no Chile e, em 1925, fundou-se a primeira escola através do médico Dr. Alejandro Del Rio. Essa escola surgiu sob influência europeia (belga, francesa e alemã), sendo que, a partir dos anos 1940, também passou a receber influência norte-americana.

Na Europa, a primeira escola de Serviço Social foi a de Amsterdã, também fundada em 1899, e em Berlim, no mesmo ano, foram iniciados cursos por Alice Salomon (1872-1948) mas só transformados em escola em 1908. Em Inglaterra a primeira escola de Serviço Social foi fundada em 1908 na Universidade de Birmingham. Em França em 1911, foi fundada pelas Milles Novo e Buttillard a Escola Normal Social, católica, e em 1913 a escola protestante, pelo Pastor Émile Doumergue (1844-1937), ambas em Paris. Na América Latina a primeira escola foi fundada em Santiago do Chile, em 1925 (SILVA, 2016, p.78).

No Brasil, em 1932, a belga Adèle de Loneux ministrou algumas palestras sobre ação social e participou de Conferências em São Paulo e Rio de Janeiro, apresentando, pela primeira vez, a noção de Serviço Social. Quando Loneux retornou para a Bélgica, as brasileiras Maria Kiehl e Albertina Ramos viajaram junto e voltaram ao Brasil com formação na área pela Escola de Serviço Social de Bruxelas.

No contexto da industrialização no Brasil, na década de 1930, houve o aumento dos problemas sociais, constituindo a aliança entre a Igreja e o Estado, que conseguem recuperar o poder perante a Questão Social, tendo grande influência na criação das primeiras Escolas de Serviço Social. Vale lembrar que,

nessa época, a pobreza era vista como “caso de polícia” e os indivíduos eram considerados o problema.

Ainda em 1932, criou-se o Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), voltado à preparação de trabalhadores sociais, promovendo o curso intensivo de Formação para Moças da igreja católica.

Em 1936, criou-se, na PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), a primeira Escola de Serviço Social no Brasil e, em 1937, no Rio de Janeiro. Até 1940, as escolas tinham influência franco-belga, voltado ao pensamento da doutrina social da igreja católica, surgindo, a partir de então, a influência norte americana de Mary Richmond, que tinha como suporte teórico o positivismo, o funcionalismo e a metodologia da psicologia.

Em 1938, criou-se, junto ao Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Serviço Social com as funções de órgão consultivo do governo e das entidades privadas.

Com a participação do país na Segunda Guerra Mundial, nasceu a primeira campanha assistencialista de nível nacional com a criação da LBA - Legião Brasileira de Assistência. Em 1942, surgiu o SENAI, por meio de um Decreto-Lei Federal, com a finalidade de responder à necessidade básica de qualificação da força de trabalho. Em 1946, é oficializado o SESI (Serviço Social da Indústria), com a atribuição de estudar, de planejar e de executar medidas que beneficiem o bem-estar do trabalhador na indústria.

Com a fundação e o desenvolvimento dessas grandes instituições sociais, concederam-se mecanismos para colaborar com o crescimento do mercado de trabalho, contribuindo para um desenvolvimento rápido do ensino de Serviço Social. Nesse sentido, a LBA se tornou um mecanismo importante para o desenvolvimento do Serviço Social, fornecendo apoio as escolas especializadas existentes e propiciando o surgimento de escolas de Serviço Social nas capitais de diferentes Estados, operando junto ao movimento de ação social católica.

Em 1950, iniciou-se o processo de erosão do serviço social tradicional, quando os assistentes sociais começaram a questionar a metodologia do serviço social importado, buscando uma nova direção teórica.

Para o Serviço Social brasileiro, os anos de 1960 representaram o começo de um processo de reformulação global que se delongou por, pelo menos, três décadas, provocando o redimensionamento e o amadurecimento profissional. Nesse mesmo ano, na América Latina, ocorre o Movimento de Reconceituação, que pode ser considerado um marco determinante no processo de revisão crítica do Serviço Social, que aponta uma preocupação dos profissionais em repensar a estrutura excludente do capitalismo, sendo parte integrante do processo internacional de erosão do Serviço Social tradicional.

Assim, a Reconceituação questionava o papel dos Assistentes Sociais no processo de superação da condição de subdesenvolvimento dos países latino-americanos em um cenário no qual os projetos desenvolvimentistas nacionais de corte democrático-liberal davam claros sinais de ineficácia e incompatibilidade com os reais interesses e necessidades da população [...]. Questionavam, portanto, a condição e a posição dos países latino-americanos no contexto de dominação burguesa, esta fundamentada no grande monopólio internacional. Ou seja, pode-se afirmar que a Reconceituação foi, indubitavelmente, um fenômeno organicamente vinculado à conjuntura da sua época marcada mundialmente por uma crise sem precedentes da ordem capitalista em sua fase monopólica (ORTIZ, 2010, p. 162).

É durante esse período, no qual se inicia o Movimento de Reconceituação, que o Serviço Social se aproxima da tradição marxista. Com a ditadura militar, em 1964, os movimentos acabaram sendo estacados. Após o término da ditadura, um processo de renovação do Serviço Social se desenvolveu até meados da década de 1980, apresentando três direções: perspectiva modernizadora (documentos de Araxá, Teresópolis, Sumaré e Alto da Boa Vista), reatualização do conservadorismo ou fenomenológica (recupera os elementos mais tradicionais da profissão) e a intenção de ruptura (o Serviço Social se propõe a romper com o conservadorismo tradicional)

. O movimento de reconceituação foi muito importante para mudar o modelo de atuação assistencialista, que dizia ser o indivíduo o problema, passando então a intervir mais na realidade e buscar a raiz do problema ao invés de agir de forma paliativa, agora com uma análise crítica da realidade social.

As discussões desenvolvidas nesse processo instituíram a base inicial da construção do Projeto Ético-Político Profissional no seu movimento histórico. A proposta primária do Projeto Ético-Político Profissional é constituída pelo Código de Ética de 1986, posteriormente reformulado em 1993.

O Código de Ética de 1993 surgiu pela defasagem e pela necessidade de mudanças, pois, mesmo com o movimento de reconceituação, não houve o rompimento completo do tradicionalismo da profissão. Esse Código coloca-se em oposição aos interesses e aos valores presentes na ordem do capital, possuindo uma perspectiva crítica à ordem econômica social estabelecida.

A Constituição de 1988 trouxe a formulação e regulamentação das políticas sociais por meio da proteção social formada pelo tripé da Seguridade Social: saúde, previdência e assistência social. Porém, a efetivação dessas políticas foi abalada pelo ideário econômico do sistema neoliberal, precarizando os serviços oferecidos com políticas focalizadas, fragmentadas, despolitizadas e privatistas. É nessa conjuntura que trabalha o assistente social, que busca a concretização das políticas sociais em favor da universalização dos serviços públicos de qualidade. Dessa forma, há um projeto ético-político profissional, enquanto projeto societário, que o norteia a atuação profissional.

O projeto ético-político do Serviço Social brasileiro está vinculado a um projeto de transformação da sociedade.

[...] tem em seu núcleo o reconhecimento da liberdade como valor ético central – a liberdade concebida historicamente, como possibilidade de escolher entre alternativas concretas; daí um compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais. Consequentemente, o projeto profissional vinculasse a um projeto societário que propõe a construção de uma nova ordem social, sem dominação e/ou exploração de classe, etnia e gênero. (NETTO, 1999, p. 104-105).

O projeto ético político articula em si mesmo os seguintes elementos constitutivos: “uma imagem ideal da profissão, os valores que a legitimam, sua função social e seus objetivos, conhecimentos teóricos, saberes interventivos, normas, práticas, etc.” (NETTO, 1999).

O movimento da categoria profissional, a partir da década de 1980, procurou articular a Formação Profissional e a demanda posta à profissão pelo

mercado de trabalho, buscando apreender tais demandas em decorrência das respostas formalmente desenvolvidas através das políticas sociais às manifestações da “questão social”.

“Questão social: expressão do conjunto de problemas políticos/ econômicos/ sociais que a formação da classe operária e de seu ingresso no cenário político desencadeiam, no curso da constituição e desenvolvimento da sociedade capitalista” (FILHO, 1982. p. 58).

Em 1996, aprovou-se a construção das Diretrizes Curriculares, apresentando como eixo central a “questão social”, aprofundando a compreensão da “questão social” como componente que dá concretude à profissão, ou seja, que é sua base de fundação histórico-social na realidade.

Através da convenção da ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social), as expressões da “questão social” se tornam o objeto da profissão. É nessa direção que o trato rígido da questão social e de suas particularidades na realidade social, o trabalho e a ética, em uma perspectiva ontológica, promulgam-se à compreensão das diretrizes curriculares, categorias determinadas em uma perspectiva crítica e dialética.

### 3.2 OBJETO DA PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL

A gênese da profissão de Serviço Social está ligada à questão social, procedente da contradição entre capital e trabalho. As expressões da questão social, que se tornaram o objeto da profissão, sucederam-se com a divisão de classes, pois o número de desempregados e pobres aumentou junto à desigualdade social, à fome e aos diversos fatores que atingiram a classe socioeconômica mais vulnerável, aqueles que eram subordinados aos poderosos.

O Estado buscava passar a visão de que estava ao lado do proletariado e, para ganhar a confiança dos trabalhadores, passa a atuar com as expressões da questão social, que estavam sendo evidenciadas cada vez mais pelo povo. Para isso, o Estado põe essas consequências como alvo de políticas sociais.

Através da política social, o Estado burguês no capitalismo monopolista procura administrar as expressões da ‘questão social’ de forma a atender às demandas da ordem monopólica conformando, pela adesão



que recebe de categorias e setores cujas demandas incorpora, sistema de consenso variáveis, mas operantes (NETTO, 1992, p.30).

Com a onda industrializante, a expressão “questão social” aparece para dar conta do pauperismo existente. São essas expressões que influenciam na realidade do usuário, pois quando se vê sem saída, por exemplo, por estar desempregado, por não ter dinheiro para manter as necessidades básicas da vida, o pensamento de tirar a própria vida é maior que tudo, pois não encontra forças ou motivação para seguir.

[...] a questão social é a aporia das sociedades modernas que põe em foco a disjunção, sempre renovada, entre a lógica do mercado e a dinâmica societária, entre a exigência ética dos direitos e os imperativos de eficácia da economia, entre a ordem legal que promete igualdade e a realidade das desigualdades e exclusões tramada na dinâmica das relações de poder e dominação (TELES, 1996, p.85).

A visão de quem detém poder não é voltada aos trabalhadores, aos desempregados ou àqueles que precisam de apoio por estarem sendo derrubados dentro dessa realidade totalmente excludente e desigual. É por esse motivo que as expressões da questão social apenas aumentam, haja vista que as oportunidades não são iguais para todos, ou seja, a individualidade prevalece e tudo gira em torno do dinheiro.

As consequências em torno dessa realidade totalmente desigual fazem com que aumentem as taxas de analfabetismo, violência, situação de rua e mendicância e fome. Para sobreviverem dentro desse contexto, as pessoas acabam criando “profissões” que são fruto da miséria causada pelo capital: catadores de lixo e de materiais recicláveis; limpadores de vidro em semáforos; faroleiros (que pedem esmolas ou vendem suas artes nos semáforos); vendedores de mercadorias contrabandeadas e profissionais do sexo.

Em muitos momentos, pela falta de oportunidade, algumas pessoas acabam seguindo o caminho da ilegalidade, tornando-se traficante de drogas, ladrão, realizando golpe em pessoas para conseguirem dinheiro, entre as mais variadas ações. Outras, mesmo estando em uma situação crítica, preferem batalhar para conseguir seu dinheiro sem prejudicar outro indivíduo.

O que vemos muito são pessoas que realizam empréstimos para pagarem suas contas, porém acabam se afundando em outra dívida, e quando se veem

“à beira do precipício”, sem saída, caem na depressão. Todo esse contexto que envolve capital afeta bruscamente a vida dos indivíduos, pois, hoje em dia, tudo é direcionado ao econômico, onde o dinheiro abre diversas portas às pessoas, sejam elas boas ou ruins. E é nessa realidade que está inserida aquela pessoa que tira a própria vida, por não encontrar mais nenhum caminho para seguir e por perceber o quanto a vida é dura e difícil e o quanto é complexo conviver em sociedade, quando essa é totalmente excludente e seletiva.

O suicídio, que é uma das expressões da questão social, encontra-se cada vez mais presente na atualidade e no contexto da atuação profissional, sendo necessária a realização de novas ações que ofereçam um abrangente trabalho com essas pessoas e suas famílias.

E é dentro dessa realidade que trabalha o assistente social, lutando para amenizar as mais diversas expressões da questão social, buscando a inclusão das pessoas na sociedade e a garantia dos direitos desses usuários.

Os assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais variadas expressões quotidianas, tais como os indivíduos as experimentam no trabalho, na família, na área habitacional, na saúde, na assistência social pública, etc. Questão social que sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem. É nesta tensão entre produção da desigualdade e produção da rebeldia e da resistência, que trabalham os assistentes sociais, situados nesse terreno movido por interesses sociais distintos, aos quais não é possível abstrair ou deles fugir porque tecem a vida em sociedade. [...] ... a questão social, cujas múltiplas expressões são o objeto do trabalho cotidiano do assistente social (IAMAMOTO, 2008, p.14).

São necessárias a luta e a união da sociedade para que se possa mudar essa realidade e facilitar o acesso das pessoas aos mais diversos serviços para que encontrem “uma luz no fim do túnel” e tenham a esperança de uma vida melhor, uma realidade na qual a morte não seja uma escolha, mas sim um acontecimento natural da vida humana.

O profissional de serviço social possui um papel importante na luta contra essa expressão da questão social que é o suicídio, pois, ao desenvolver um trabalho com indivíduos com tal tendência, o assistente social acaba traçando caminhos que talvez eles não haviam enxergado pela questão do sofrimento e do desânimo pelos quais estavam passando, incentivando-os a não desistir da

vida, tendo o apoio, por exemplo, da família que também deve ser trabalhada para aprender a lidar com os sentimentos e a realidade desse usuário.

### 3.3 PROJETO ÉTICO POLÍTICO

Na atualidade, dentro do modo de produção capitalista, em que há a divisão entre classes, sendo a burguesia e o proletariado, o projeto profissional e a prática profissional também se tornam um projeto político profissional.

Na historicidade da profissão, com o Movimento de Reconceituação da profissão na década de 1960, o segmento teórico e o pensamento dos profissionais passam a mudar. O modelo de atuação assistencialista, que dizia ser o indivíduo um problema, não é mais bem visto, fazendo com que os profissionais passem a intervir mais na realidade e buscar a raiz do problema ao invés de agir de forma paliativa, agora com uma análise crítica da realidade social, ao contrário de agir de forma acrítica. Com esse movimento, os profissionais procuram uma melhor atuação no agir profissional ao atender às demandas atingidas pelas diversas expressões da questão social, seguindo bases teórico-metodológicas para superar as práticas tradicionais do Serviço Social.

Nesse contexto, estendemos as críticas em relação à ética tradicional do profissional, influenciando a elaboração do Código de Ética de 1986, que busca garantir uma atuação voltada às necessidades dos usuários, porém esse código não estabelece a questão dos próprios valores éticos, dando continuidade àquela visão abstrata de antes e apresentando fragilidades.

Assim, houve a revisão do Código de 1986, resultando no código de ética de 1993, que reafirmou os seus valores essenciais de liberdade e de justiça social ligados à exigência da população, que ultrapassa as barreiras colocadas pela burguesia, atribuindo o pleno direito à cidadania, aos direitos e às garantias individuais e sociais.

Esse Código de Ética corresponde à direção das atribuições assumidas pelo profissional durante esse percurso histórico, contrapondo-se aos interesses da ordem burguesa, apresentando uma perspectiva crítica da realidade e

buscando a defesa dos direitos das pessoas, sendo um marco que faz toda a diferença na atuação profissional hoje.

Compete registrar, também, que assim como a aprovação do Código de Ética do Assistente Social de 1993, a Lei 8662/93 de Regulamentação da Profissão foi um importante acontecimento legal da profissão.

O Projeto Ético Político do Serviço Social está vinculado a um projeto de transformação da sociedade, tendo em seu núcleo o reconhecimento da liberdade como valor ético central. Segundo Netto (1999), o projeto profissional está vinculado a um projeto societário, que propõe a construção de uma nova ordem social, sem dominação e/ou exploração de classe, etnia e gênero. Esse projeto é extremamente importante para que o profissional atue diante da sociedade, que sofre com tamanha desigualdade social.

Os projetos profissionais exibem o reflexo da profissão, nomeando seus valores, objetivos e funções, estabelecendo as condições teóricas, práticas e institucionais para a atuação profissional, designando princípios para o comportamento dos profissionais e formando as bases de relações do profissional junto aos usuários de seus serviços.

É importante ressaltar que os projetos profissionais também têm inelimináveis dimensões políticas, seja no sentido amplo (referido às suas relações com os projetos societários), seja em sentido estrito (referido às perspectivas particulares da profissão). Porém, nem sempre tais dimensões são explicitadas, especialmente quando apontam para direções conservadoras ou reacionárias. Um dos traços mais característicos do conservadorismo consiste na negação das dimensões políticas e ideológicas. Não é por acaso que o conhecido pensador lusitano Antônio Sérgio, numa passagem notável, tenha observado que “aquele que diz não gostar de política, adora praticar política conservadora” (NETTO, 1999, p.05).

O projeto ético-político do Serviço Social está ligado a uma concepção de transformação da sociedade através da própria exigência que a dimensão política da intervenção profissional coloca. O nosso projeto ético-político é bem claro ao dizer que apresenta a liberdade como valor ético central, tendo o compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais, sendo uma profissão extremamente importante para a mudança da realidade, ainda mais dentro desse contexto, no qual a pessoa busca na morte a solução dos seus problemas.

### 3.4 DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA PROFISSÃO

A intervenção do assistente social deve ser composta de três dimensões: teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa. Essas dimensões constituem níveis diferenciados de apreensão da realidade da profissão, entretanto, são indissociáveis entre si, formando uma unidade apesar de suas particularidades (GUERRA, 2000).

A competência teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política são requisitos fundamentais que permite ao profissional colocar-se diante das situações com as quais se defronta, vislumbrando com clareza os projetos societários, seus vínculos de classe, e seu próprio processo de trabalho. Os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos são necessários para apreender a formação cultural do trabalho profissional e, em particular, as formas de pensar dos assistentes sociais (ABEPSS, 1996, p.7).

A primeira dimensão se refere à capacidade de apreensão do método e das teorias e sua relação com a prática na ação profissional, tendo a teoria como instrumento de análise do real.

A dimensão ético-política se refere à capacidade de o profissional analisar a realidade e a profissão de serviço social como campo de contradições, ponderando o caráter político do exercício profissional relacionado a sua intervenção. Já a dimensão técnico-operativa diz respeito aos instrumentos e aos elementos utilizados durante a intervenção profissional, tendo como finalidade a análise do real.

Guerra (2012) ressalva a importância de idealizar a unidade dessas três dimensões, no sentido de evitar compreensões erradas que acabam aparecendo na intervenção profissional cotidiana de alguns assistentes sociais, que afirmam que a teoria é diferente da prática, sendo que elas andam junto, ou seja, não há prática sem a teoria.

Através da teoria aprendida em sala de aula, o profissional vai colocá-la em prática, pois é necessário ter o conhecimento para ser aplicado, sabendo de que forma agirá diante de situações tão complexas, por exemplo, como na questão da ideação suicida. Assim, de que maneira isso se dará se não houver nenhum embasamento teórico? O usuário busca o profissional, pois sabe que

através dele vai conseguir algum tipo de encaminhamento, algum auxílio, sendo uma referência aos usuários.

O profissional precisa analisar a realidade para atuar dentro dela através do seu conhecimento e da sua experiência adquirida durante todo o percurso. Ele é um caminho para vários indivíduos que procuram soluções aos seus problemas. É através dessa base que os profissionais vão buscar a raiz do conflito desses usuários a fim de não apenas amenizar a situação, mas resolver, realizando o seu trabalho e atuando com amor à profissão que escolheu.

### 3.5 PERFIL DO USUÁRIO DA PESQUISA REALIZADA

No município de Caçador, é frequente o atendimento em unidades de saúde a pacientes com tentativa de suicídio. Esse fenômeno é de grande importância e deve ser destacado e estudado, pois muitas pessoas precisam de apoio, de atendimento e, principalmente, de compreensão sem serem julgados de forma precipitada. É preciso estudar esse tema de grande relevância dentro da realidade da população para que sejam desenvolvidos trabalhos, projetos e ações em torno dessa problemática. Essa pesquisa objetivou traçar um perfil epidemiológico de pessoas notificadas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação –SINAN entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 como Tentativa de Suicídio através das notificações de intoxicação exógena.<sup>3</sup>

As intoxicações constituem problema de saúde pública em todo o mundo. Também, existem diferenças geográficas, sociais, econômicas e culturais que determinam perfis diferentes entre os países. Entre os mais de 12 milhões de produtos químicos conhecidos, menos de 3.000 causam a maioria das intoxicações acidentais ou premeditadas. Contudo, praticamente qualquer substância ingerida em grande quantidade pode ser tóxica. As fontes comuns de venenos incluem drogas, produtos domésticos, produtos agrícolas, plantas, produtos químicos industriais e substâncias alimentícias. A identificação do produto tóxico e a avaliação exata do perigo envolvido são fundamentais para um tratamento eficaz (ZAMBOLIM et.al, 2008, p.6).

---

<sup>3</sup> Todo aquele indivíduo que, tendo sido exposto a substâncias químicas (agrotóxicos, medicamentos, produtos de uso doméstico, cosméticos e higiene pessoal, produtos químicos de uso industrial, drogas, plantas e alimentos e bebidas), apresente sinais e sintomas clínicos de intoxicação e/ou alterações laboratoriais provavelmente ou possivelmente compatíveis (SINAN).

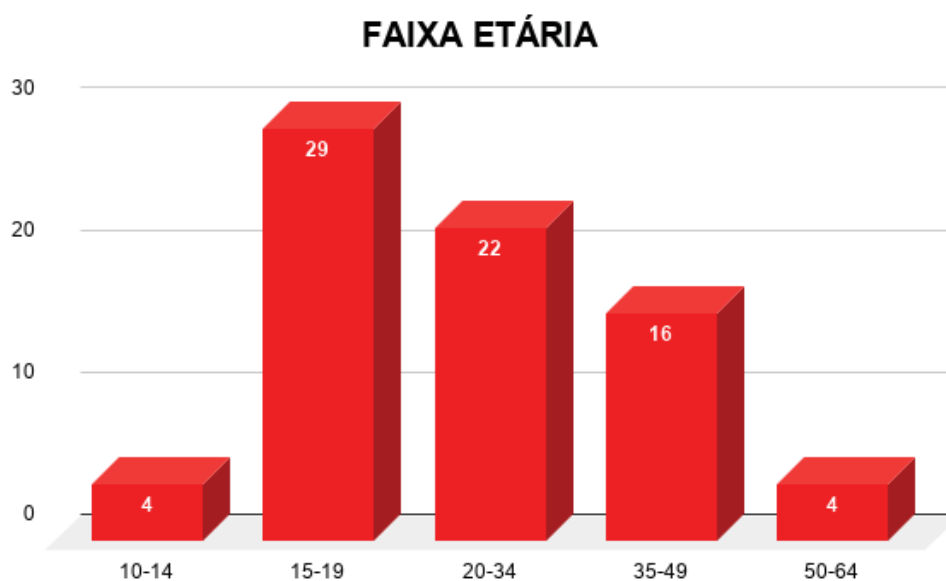
Os dados foram pesquisados no SINAN, com o auxílio da Dra. Paula Brustolin Xavier, a qual esclareceu as dúvidas sobre as informações colhidas e sempre se mostrou disponível para que essa pesquisa fosse realizada.

As variáveis obtidas foram: faixa etária, sexo, escolaridade, estado civil, raça, situação no mercado de trabalho, local de exposição e zona de residência de 75 pessoas que entraram no perfil como tentativa de suicídio através de intoxicação exógena, dentro do período de 1 ano, pois, quanto às demais contaminações colhidas, não é possível afirmar que houve tentativa de suicídio, por isso não foram acrescentadas neste trabalho.

### 3.5.1. Resultados

A amostra deste estudo foi de 75 pessoas identificadas dentro do perfil de tentativa de suicídio por intoxicação exógena entre o período de junho de 2018 a junho de 2019.

**Gráfico 1:** Faixa etária das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena.



**Fonte:** Pesquisa

A faixa etária predominante das tentativas de suicídio por intoxicação exógena foi de 15 a 19 anos de idade com a quantidade de 29 pessoas dentro deste perfil, seguido pela faixa etária de 20 a 34 anos com 22 pessoas, demonstrando que, na adolescência, o índice é maior.

Os adolescentes compõem um dos grupos mais suscetíveis ao grande número de problemas encontrados, pois eles, ainda, estão formando a sua personalidade e não conseguem enfrentar as dificuldades com a mesma facilidade como alguém com mais experiência de vida. Tais jovens possuem acesso fácil ao mundo das drogas, prostituição e ao crime. Além disso, pelo mercado de trabalho ser seletivo, exigindo experiência para ingressar em um emprego, acabam desanimando e buscando um caminho mais fácil para preencher as suas frustrações e sua infelicidade.

A adolescência é uma fase complexa e dinâmica do ponto de vista físico e emocional na vida do ser humano. É neste período em que ocorrem várias mudanças no corpo, que repercutem diretamente na evolução da personalidade e na atuação pessoal da sociedade. Há muita preocupação com essa etapa, especialmente com os seus aspectos comportamentais e adaptativos, alertados já em 1904, quando Stanley Hall, um dos primeiros estudiosos sobre o tema, definiu a adolescência como um período de tempestade e tensão negativas (VALLE e MATTOS, 2010, p.321).

A adolescência é marcada como um período caracterizado por conflitos, adaptações e mudanças, em que a convivência entre a família e o jovem pode se tornar mais difícil. É o momento em que preferem ficar mais afastados, sozinhos e distantes da realidade, sendo a tecnologia uma válvula de escape para preencherem esse vazio que, de certa forma, na maioria das vezes, acaba por afetá-los ao invés de ajudá-los. É necessário que esses adolescentes persistam e acreditem mais nos sonhos, fazendo com que não desistam facilmente e vejam, nos desafios, uma força para lutar pelos seus objetivos.

Esses números destacados no gráfico acima demonstram a faixa etária dos usuários de estudo, mas qual seria o sexo mais atingido pelas tentativas de suicídio?

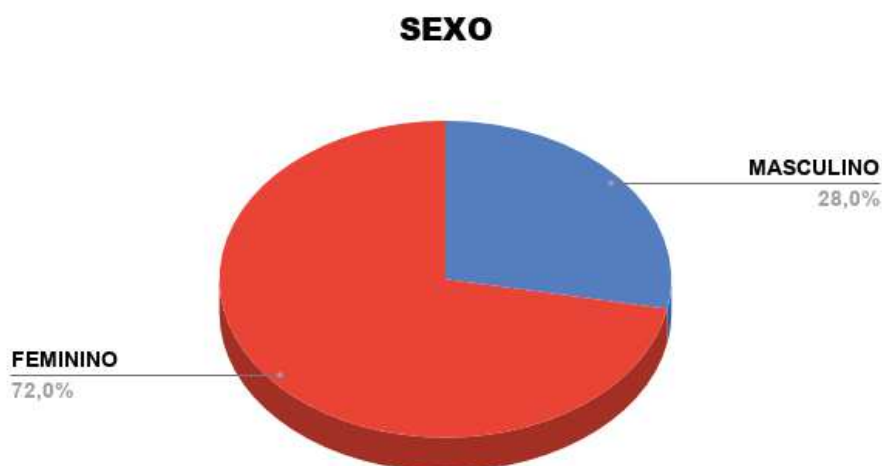
O sexo da pessoa pode ser definido como um plano biológico associado ao feminino e ao masculino, sendo caracterizadas partes do corpo específico de



cada sexo, diferente de gênero que é relacionado à construção social do indivíduo, a sua noção de cultura.

O termo “gênero”, na sua acepção gramatical, designa indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, mas, na forma como vem sendo usado, nas últimas décadas, pela literatura feminista, adquiriu outras características: enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino (ARAUJO, 2005, p.41).

**Gráfico 2:** Sexo das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena.



**Fonte:** Pesquisa

Em relação ao sexo, como destacado acima, o índice com maior número de tentativa de suicídio foi o feminino, com 72%, quase três vezes maior em comparação ao sexo masculino, que chegou a 28%, pois, geralmente, o homem, quando tenta o suicídio, consegue, não ficando apenas na tentativa, mas na concretização do feito.

No Brasil, o número de pessoas do sexo feminino é maior que o indicador a população masculina. Por esse motivo, o número de mulheres se apresenta elevado em muitas pesquisas. Por mais que haja maior número de mulheres pelo

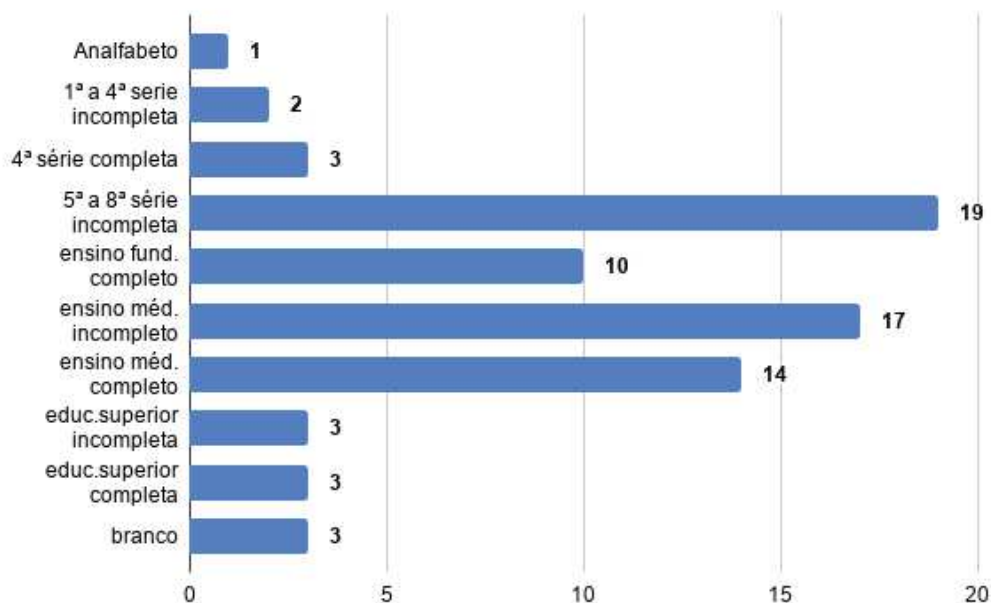
país, elas ainda sofrem com a desigualdade de sexo existente, ou seja, por exemplo, um homem exerce a mesma função que a mulher dentro da empresa e recebe uma renda maior.

O feminismo luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres e esse movimento é essencial para mostrar a força que elas possuem, porém o sexo feminino, ainda, se abala mais que o masculino diante da realidade, fazendo com que, por exemplo, fiquem mais expostas à questão do suicídio.

No ambiente de trabalho, algumas mulheres possuem mais especializações que o homem, no entanto, em decorrência de algumas ideologias ultrapassadas, o sexo masculino ainda tem mais destaque considerando a historicidade anterior, na qual o homem era o provedor da casa enquanto a mulher cuidava da residência e dos filhos. Hoje, a realidade mudou, pois o sexo feminino se tornou mais independente e passou a investir mais em si mesma, como na questão dos estudos, que é uma etapa indispensável nos dias atuais. Essa questão de inferioridade entre os sexos já deveria ter sido superada por todos, pois a mulher é capaz de assumir a mesma função do homem, tendo o direito à igualdade de salário.

A escolaridade é um fator importantíssimo na vida das pessoas, pois os estudos e o conhecimento fazem toda a diferença no cotidiano dos indivíduos, sendo que a sociedade está altamente seletiva e exigente.

**Gráfico 3:** Situação escolar das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena.



**Fonte:** Pesquisa

O nível educacional das pessoas é um dado importante, pois demonstra que a maioria desses indivíduos, notificados quanto à tentativa de suicídio, não concluiu o ensino fundamental. Das 75 pessoas notificadas, 19 delas estudaram entre a 5ª e 8ª série e 17 delas não chegaram a concluir o ensino médio, mostrando o baixo nível educacional brasileiro, pois uma pequena porcentagem da população consegue ter acesso ao ensino superior.

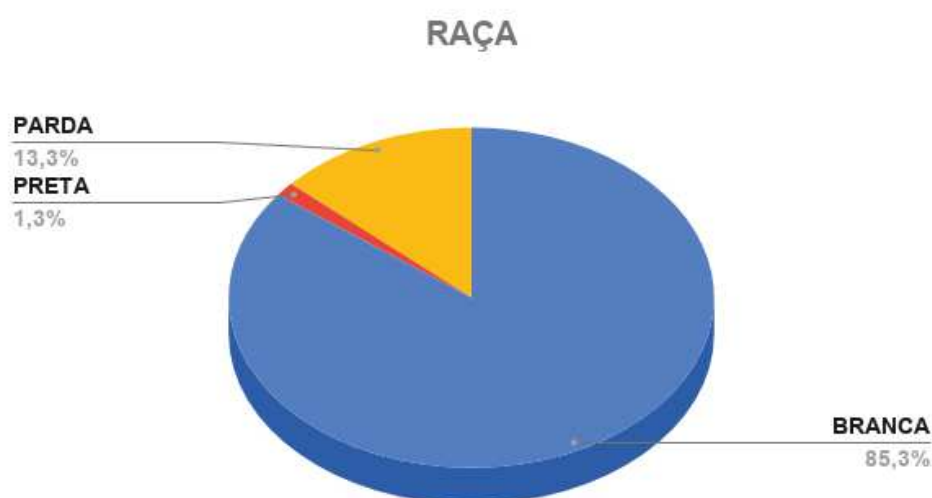
De acordo com dados do IBGE um a cada quatro alunos que inicia o ensino fundamental no Brasil abandona a escola antes de completar a última série, colocando o país como terceiro em maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) (ROCHA, 2014, p.02).

A educação abre portas e caminhos para novos horizontes e, hoje, o estudo se apresenta de forma essencial para quem busca crescer na vida e alcançar os seus sonhos, exercendo a função de que se gosta e com que se identifica, pois não há sensação melhor do que trabalhar naquilo com que se tem afinidade. Para isso, o estudo se torna uma ferramenta imprescindível nos dias de hoje.

Uma questão analisada dentro desse contexto de estudo é a exclusão dos indivíduos por causa da sua cor. Todos têm o direito de acesso à educação, mas infelizmente é possível ver muitos casos de pessoas massacradas por outros indivíduos que sentem o prazer em rebaixar quem não está dentro do padrão estabelecido pelo grupo, haja vista que outras raças são vistas com diferentes olhos e diminuídas por muitos sujeitos.

No Brasil, as raças são distribuídas pela cor branca, parda, negra, amarela e indígena, categorias utilizadas pelo IBGE. Essas são utilizadas para classificar diversificados grupos populacionais, sendo o Brasil um país rico pela diversidade de pessoas, mas com grande número de discriminação.

**Gráfico 4:** Raça das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena.



**Fonte:** Pesquisa

A raça que apresentou o número maior de tentativa de suicídio foi a branca, com 85,3%, seguida pela raça parda com 13,3% e preta com 1,3%. Esse dado pode ser explicado pelo fato de a maioria da população da região sul se declarar de cor branca.

[...] não apenas “raça”, mas também “cor” e “cor da pele” podem ser usados no mesmo contexto carregado de ideologia e de política, podendo ser manipulados como conceitos naturais na luta anti-racista [sic] ou na impostura racista (GUIMARÃES, 2011, p.265).

Dentro deste contexto, tem que haver o cuidado com a discriminação racial, que desrespeita e viola os direitos de uma pessoa ou de um grupo pela razão da sua cor ou raça/etnia. Hoje, existem leis que protegem essas pessoas dos preconceitos existentes, porém, mesmo com essa evolução, ainda vemos indivíduos que são extremamente desrespeitados por quem não possui a consciência de que todos somos iguais, independentemente, da cor, demonstrando superioridade diante das outras raças. Atitude totalmente inaceitáveis.

Infelizmente, vemos discriminação até mesmo no mercado de trabalho, pois as pessoas são taxadas pela sua cor e aparência ao invés de ser analisado pela sua competência.

O desemprego atinge milhões de pessoas pelo Brasil, sendo uma das expressões da questão social que mais afeta o cotidiano dos indivíduos.

**Gráfico 5:** Situação no mercado de trabalho das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena.



**Fonte:** Pesquisa

A situação no mercado de trabalho desse público alvo da pesquisa é extremamente alarmante, pois, das 75 pessoas notificadas, 45 delas estavam desempregadas. Nesse dado, pode-se perceber a questão do capitalismo que produz as expressões da questão social, sendo uma delas, o desemprego.

O desemprego não é uma bolha que se formou nas relações de trabalho e que poderia ser reabsorvido. Começa a tornar-se claro que a precarização do emprego e do desemprego se inseriram na dinâmica atual da modernização. É consequência da estruturação do emprego, a sombra lançada pelas reestruturações industriais e pela luta em favor da competitividade (CASTEL, 2012, p 516).

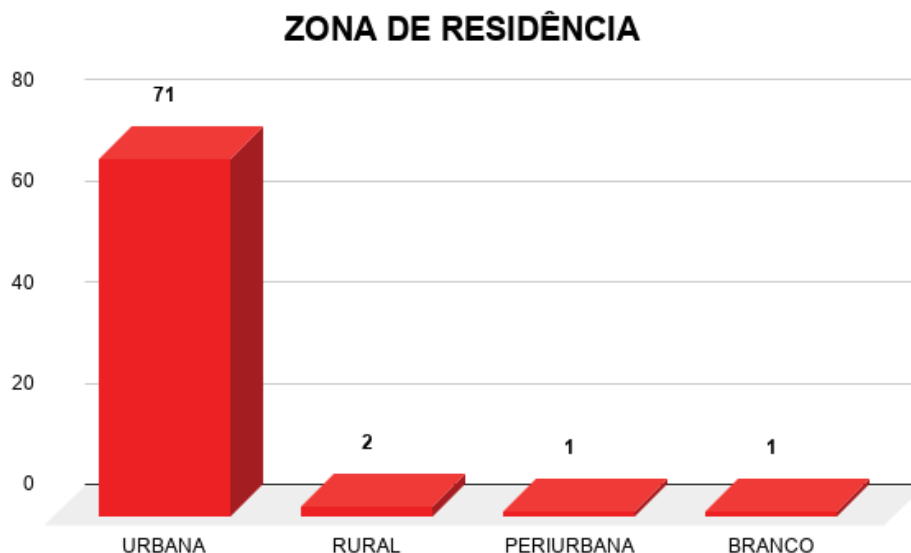
Nos dias atuais, o mercado de trabalho encontra-se altamente seletivo, sendo necessário as pessoas buscarem novas especializações para se inserirem, porquanto o número de desempregados se eleva com o decorrer dos anos. Essa diminuição da mão de obra pode ser lembrada através da industrialização, na qual a máquina substituiu a mão de obra humana. A tecnologia evolui cada vez mais e algumas portas de trabalho vão se fechando, porém, muitos locais, também, são atingidos pelo capitalismo, no qual a crise toma conta e a empresa não consegue mais se manter.

Com a industrialização, um maior contingente de pessoas passou a ocupar o meio urbano, visto que, na cidade, as chances de conseguirem empregos eram maiores.

De acordo com várias pesquisas realizadas no Brasil, e como destacado acima, a maioria da população mora em meio urbano, sendo uma porcentagem bem mais elevada em comparação ao meio rural. O êxodo rural foi um acontecimento que fez com que as pessoas migrassem do campo para a cidade, fazendo com que a população urbana aumentasse de forma exorbitante.

A sociedade está se tornando cada vez mais urbana, sendo a cidade, o local para onde convergem grande parte das atividades e oportunidades, econômicas, sociais, e ou, culturais. O urbano nasce com as primeiras civilizações, no entanto, o processo de urbanização é recente. A urbanização, entre outros aspectos, diz respeito a maior concentração de pessoas na zona urbana do que na zona rural. Este fenômeno se intensificou, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial, sendo a urbanização uma realidade global desde a segunda metade da década de 2000, quando a população mundial urbana ultrapassa a população rural (UNITED NATIONS apud LIMA, LOPES, FAÇANHA, 2014, p. 01 e 02).

**Gráfico 6:** Zona de residência das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena.



**Fonte:** Pesquisa

De acordo com a pesquisa realizada, 71 pessoas residem no meio urbano, quase alcançando o número total de pessoas notificadas por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena. Como destacado acima, esse dado pode ser explicado pela questão de o meio rural possuir mínimos moradores em comparação à zona urbana.

Partindo desse raciocínio em relação à urbanização, com a migração das pessoas do campo para a cidade, o número de residências aumentou, surgindo o que, hoje, denominamos favela, fazendo com as casas ficassem amontoadas pela questão do espaço disponível para construção.

Residência é o local onde a pessoa mora com intuito permanente, que pode coincidir com o domicílio legal. Diferente das moradas provisórias, como os casos de hotéis ou aquelas temporadas em casa de um amigo ou um parente. A residência exige o intuito de permanência (TJDFT- Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2002).

**Gráfico 7:** Local de exposição das pessoas notificadas entre os meses de junho de 2018 a junho de 2019 por tentativa de suicídio através de intoxicação exógena.



**Fonte:** Pesquisa.

O local de exposição quase fechou com o total do número de pessoas notificadas por tentativa de suicídio, sendo na própria residência a maioria dos casos. O gráfico destaca que 72 pessoas tiveram como local de exposição a residência, podendo enfatizar ser na moradia o local em que os indivíduos encontram remédios, produtos de uso doméstico, cosméticos entre outras substâncias que podem ser utilizadas por eles para cometer tal ação.

As intoxicações às substâncias químicas podem ser agudas e crônicas, e poderão se manifestar de forma leve, moderada ou grave, a depender da quantidade da substância química absorvida, do tempo de absorção, da toxicidade do produto, da suscetibilidade do organismo e do tempo decorrido entre a exposição e o atendimento médico (FILHO E SANTIAGO, 2017, p. 3).

Na grande maioria, a pessoa inicia a ideação suicida no local em que reside, fazendo com que “planeje”, de certa forma, a maneira mais fácil de suicidar-se. No momento em que essa pessoa não consegue concretizar o feito, a ação passa a ser denominada tentativa de suicídio.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, apresentamos as considerações finais a respeito deste trabalho intitulado “Os reflexos do sistema capitalista no cotidiano do suicida sob a ótica da profissão de serviço social”, destacando questões relevantes sobre esse sistema econômico que gera várias expressões da questão social. Para destacar essa realidade, realizamos pesquisas bibliográficas alusivas ao tema, apresentando dados referentes às tentativas de suicídio por intoxicação exógena no município de Caçador-SC.

Este trabalho enfatizou a maneira como o sistema capitalista afeta a vida das pessoas e contribui com a realidade do suicídio diante da visão profissional. Porém, não é apenas isso que colabora com esse contexto, pois esse acontecimento ocorre em todas as classes sociais. São muitas as doenças que atingem os indivíduos e fazem com que se inicie uma ideação suicida, que pode passar para uma tentativa de suicídio e atingir tal ato, podendo ocorrer por diversas vezes até chegar ao ponto final, que é a morte.

Em torno dessa realidade, o estudo abordou a questão do trabalho do assistente social diante desse tema, explanando a história da profissão até chegar aos dias atuais, mostrando a importância da inserção desse profissional diante dos indivíduos afetados por esse sistema socioeconômico.

Com os dados compilados nesta pesquisa, analisamos o perfil dos indivíduos que buscam a tentativa de suicídio através da intoxicação exógena, mostrando ser aqueles que possuem menos estudo e não estão inseridos no mercado de trabalho, sendo, de certa forma, os mais vulneráveis, ou seja, aqueles que possuem direitos, mas, muitas vezes, esses direitos são violados ou não são garantidos.

Analisar esses dados foi de extrema importância para entender a realidade do município e verificar como ações, pesquisas e estudos são importantes para mudar o cotidiano dessas pessoas que buscam o suicídio.

O trabalho do assistente social se torna essencial na busca pela mudança dessa realidade, sendo que várias situações contribuem para que o perfil desses

usuários de estudo aumente ao invés de amenizar, pois novas dificuldades estão surgindo na vida das pessoas e o acesso, por exemplo, a políticas públicas que os auxiliem está diminuindo cada vez mais.

Dessa forma, podemos destacar que o assistente social, juntamente à sociedade, deve batalhar para que os direitos garantidos não sejam extintos, a fim de o nosso país andar para frente ao invés de retroceder, pois houve muitas lutas em busca do que hoje é uma conquista para a população.

É através da união, dos movimentos e do trabalho árduo que a realidade do suicídio pode mudar. É esse o caminho que devemos seguir atrás de grandes transformações que modifiquem o cotidiano desses usuários atingidos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE. Bruno; FERNANDES. Bruno Diniz; CARLI. Caetano de. **O fim do escravismo e o escravismo sem fim** – colonialidade, direito e emancipação social do Brasil. Direitos e Práxis Revista. Rio de Janeiro, Vol. 06, n.10, 2015, p. 551-597.
- APPEL, N.M. **O assistente social inserido na saúde mental e suas estratégias de intervenção**. VII Jornada Internacional Políticas Públicas. Programa de pós graduação em políticas públicas. Universidade Federal do Maranhão. 2017.
- ARAÚJO. E.S; BICALHO. P.P.G. **Suicídio: Crime, Pecado, Estatística, Punição**. Revista de Psicologia da IMED, vol.4, n.2, p. 723-734, 2012.
- ARAUJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de Gênero: revisitando o debate**. Revista Psic. Clin. Rio de Janeiro, vol.17, n.2, p.41 – 52, 2005.
- AURIGLIETTI, R.C.R. **Evasão e abandono escolar: causas, consequências e alternativas – o combate a evasão escolar sob a perspectiva dos alunos. Os Desafios da escola pública paranaense na perspectiva dos professor**. Disponível em:[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_ufpr\\_ped\\_artigo\\_rosangela\\_cristina\\_rocha.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_ped_artigo_rosangela_cristina_rocha.pdf). Acesso em 10 de novembro de 2019.
- BROWN, Ron M. **El arte del suicídio**. Espanha: Sintese, 2002.
- CARMO, Nadia Amaro do. **O Movimento Negro e Suas Contribuições para a Implementação do Sistema de Cotas Raciais**. Disponível em: [http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos\\_completos/425-41963-14072018-100556.pdf](http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-41963-14072018-100556.pdf). Acesso em: 16 de setembro de 2019.
- CATANI, Alfrânio Mendes. **O que é Capitalismo?** 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio A. **A questão social no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- CFESS. Código ética do/a assistente social. Lei 8663/93. 10º edição. Brasília-DF, 1993.
- COSTA, F.S.de Medeiros. **Instrumentalidade do serviço social: Dimensões teórico metodológica, ético-política e técnico-operativa e exercício profissional**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Serviço Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

ESTENSSORO, Luis. **Capitalismo, desigualdade e pobreza na América Latina**. Tese de doutorado. Departamento de sociologia. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo, 2003.

ESTEVIÃO, Ana Maria Ramos. **O que é Serviço Social**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FERREIRA, Renato Emanuel Campino. **O Suicídio**. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008. Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2008025.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2019.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

GUERREIRO, Emanuel. A ideia da morte - do medo a libertação, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/dia/v28n2/v28n2a12.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

GUIMARÃES, A.S.A. **Raça, cor, cor de pele e etnia**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.

GOLDENSTEIN. G.T. **Trabalho e dominação no capitalismo monopolista: um esboço de sistematização**. Rev. Adm. Emp. Rio de Janeiro: out/dez 1986.

GONÇALES. C..A.V. MACHADO. A.L. **Depressão, o mal do século: De que século?** Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):298-304.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

JUNIOR. Hilário Franco. **O Feudalismo**. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

KOSTEN, Thomas. **Transtornos por uso de substância**. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornospsiqui%C3%A1tricos/transtornos-relacionados-ao-uso-de-subst%C3%A2ncias/transtornos-por-uso-de-subst%C3%A2ncias>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

LESSA, Sérgio. TONET, Ivo. **Introdução a Filosofia de Marx**. Disponível em: [https://umuaroma.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2012/06/Introducao\\_a\\_Filosofia\\_de\\_Marx.pdf](https://umuaroma.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2012/06/Introducao_a_Filosofia_de_Marx.pdf). Acesso em: 16 de setembro de 2019.

LIMA, S.M.S.A. LOPES, W.G.R. FAÇANHA, A.C. **A relação entre as áreas urbana e rural em cidades contemporâneas**: Estudo em Teresina, Piauí, Brasil. Revista ESPACIOS, Vol. 38 (Nº 24), 2017.

MAZZEO. Antonio Carlos. **Estado e Burguesia no Brasil**: Origens da autocracia burguesa. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MIRANDA. Maria Bernadete. **O Monopólio e o Oligopólio**. Revista Virtual Direito Brasil – Volume 5 – nº 2 – 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: o processo de um racismo mascarado. 1 reimpr. da 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NETO et.al. **Transtornos da Personalidade**. 1a ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

NETTO. José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

NETTO. José Paulo. **A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social**. Disponível em: [http://www.ssrede.pro.br/wp-content/uploads/2017/07/projeto\\_etico\\_politico-j-p-netto\\_.pdf](http://www.ssrede.pro.br/wp-content/uploads/2017/07/projeto_etico_politico-j-p-netto_.pdf). Acesso em: 02 de novembro de 2019.

OLIVEIRA. Luizir de. **O suicídio**: um problema (também) filosófico. Revista Natureza Humana, São Paulo, v. 20, n. 1, pp. 83-97, jan./jul. 2018.

OXFAM. Brasil. **Super-ricos estão ficando com quase toda riqueza, às custas de bilhões de pessoas**. Disponível em: <https://oxfam.org.br/noticias/super-ricos-estao-ficando-com-quase-toda-riqueza-as-custas-de-bilhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

PAVARIN. Chana. **Assistência de enfermagem ao portador de esquizofrenia**: estudo bibliográfico. Trabalho de conclusão de curso. Bacharel em enfermagem. Universidade Alto Vale do Rio do Peixe-UNIARP, Caçador-SC, 2012.

PESSOA. Pedro Junqueira. **Escravidão e Ideologia**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ROSA, Augusto Pereira da. ZINGANO, Ester Miriane. **Pré História**: Educação para Sobrevivência. *Maiêutica* nº1, jan 2013.

SANCHES, Marsal. JORGE, M.R. **Transtorno afetivo bipolar**: um enfoque transcultural. *Rev Bras Psiquiatria*. São Paulo, 2004.

SANTANA, C.B. et.al. **A história da morte no ocidente e o contexto social como fator de risco para o suicídio**. *Rev. Ambiente Acadêmico*, vol.1, nº 2, 2015.

SANTOS, Milena da Silva. **Trabalho e dominação no capitalismo monopolista**: um esboço de sistematização. Universidade Federal de Alagoas. 2012. Disponível em:

[http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/804/1/Dissertacao\\_MilenaDaSilvaSantos\\_2012.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/804/1/Dissertacao_MilenaDaSilvaSantos_2012.pdf). Acesso em: 10 de outubro de 2019.

SEVES, N. C. **Capitalismo monopolista no Brasil: a implantação do novo padrão de acumulação do capital e a redefinição da hegemonia política no seio do bloco no poder**. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”.

Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v2\\_natalia\\_GIV.pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v2_natalia_GIV.pdf). Acesso em: 10 de outubro de 2019.

SILVA et.al. **Esquizofrenia**: uma visão bibliográfica. Revista UNILUS ensino e pesquisa, v 13, n°30, jan/marco. 2016.

SILVA, T.P.G.R. da. **A primeira escola de Serviço Social em Portugal**: o projeto educativo fundador e a configuração do campo de conhecimento (1935-1955). Disponível em:

[http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/2695/1/dss\\_teresa\\_silva\\_tese\\_v1.pdf](http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/2695/1/dss_teresa_silva_tese_v1.pdf). Acesso em: 15 de outubro de 2019.

SOARES, Marcos Hirata. **Estudos sobre transtornos de personalidade Antissocial e Borderline**. Acta paul. enferm. vol.23, n°6. São Paulo, 2010.

TELES, Vera da Silva. **Questão Social**: afinal do que se trata? São Paulo em Perspectiva, vol. 10, n. 4, out-dez/1996. p. 85-95.

TINTI, Élide Cristina. **Capitalismo, trabalho e formação profissional**: dilemas do trabalho cotidiano dos assistentes sociais em Ribeirão Preto [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

TOMAZ, Marianna Andrade. **A questão social no capitalismo**. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo5-pobrezaepoliticaspUBLICAS/aquestaosocialnocapitalismo-umaanalisedoseuconceitonacontemporaneidade.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2019.

**Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios**. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Disponível em:

<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/residencia-e-domicilio>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

VALLE, L.E.L.R. MATTOS, M.J.V.M. de. **Adolescência**: as contradições da idade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora;2010.

VIEIRA, B.O. **História do Serviço Social**. São Paulo: Agir, 1980.

WOOD, Ellen Meiksins. **A origem do capitalismo. 1. ed.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ZAMBOLIM et.al. **Perfil das intoxicações exógenas em um hospital universitário.** Revista Médica de Minas Gerais 2008; 18(1): 5-10.